



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA

PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSAS DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA —
PIBIC

**COMO OS PAIS DETECTAM A MENTIRA DE SEUS FILHOS? – ESTUDO
EXPLORATÓRIO**

**Plano de trabalho: Identificação dos sinais da mentira por familiares de crianças e
adolescentes**

Área do conhecimento: Saúde

Subárea do conhecimento: Especialidade do conhecimento: Fonoaudiologia

Relatório Final

Período da bolsa: de primeiro de agosto de 2020 a 31 de julho de 2021

Este projeto é desenvolvido com bolsa de iniciação científica PIBIC/COPES

Orientador: Profa PhD, MD Carla Patrícia Hernandez Alves Ribeiro César

Autor: Brenna Geovania Izaura Santos Barroso

SUMÁRIO**Página**

Resumo e unitermos	3
1. Introdução	4
2. Objetivo	5
3. Metodologia	6
4. Resultados e discussões	10
5. Conclusões	29
6. Perspectivas	30
7. Referências bibliográficas	31
8. Outras atividades	38

COMO OS PAIS DETECTAM A MENTIRA DE SEUS FILHOS? – ESTUDO EXPLORATÓRIO

Discente: Brenna Geovania Izauro Santos Barroso

Orientadora: Profa. Dra. Carla Patrícia Hernandez Alves Ribeiro César

RESUMO

Introdução: A mentira, caracterizada como ato de enganar, ocorre desde a infância e permanece até a vida adulta, entretanto existem características que permitem a sua identificação, sendo que essas características dependem da idade e da personalidade de quem mente. **Objetivos:** Identificar, segundo os pais, quais aspectos facilitam a detecção da mentira de crianças e adolescentes. **Método:** Trata-se de uma pesquisa ampliada relacionando uma revisão sistemática* e uma pesquisa de campo com projeto aprovado pelo CEP sob o parecer CAAE 81343717.5.0000.5546, com amostra constituída por conveniência, por 22 familiares leigos no assunto, sendo onze pais de crianças (entre três e doze anos) e onze de adolescentes (entre treze e dezessete anos). Os participantes que aceitaram a proposta assinaram termo de consentimento. Foram excluídos os familiares que não conviviam com seus filhos. **Resultados:** A revisão sistemática revelou que a detecção da mentira acontece por meio de variáveis percebidas pelo contato familiar, assim, diz-se que os pais possuem mais facilidade em detectar a mentira do que os não pais, embora a amostra reduzida de artigos científicos na área. A pesquisa de campo evidenciou que tanto os pais de crianças quanto os de adolescentes participantes da pesquisa julgam-se capazes em detectar a mentira de seus filhos na maioria das ocasiões, embora seja mais fácil tal identificação quando o filho é criança. Essa identificação se dá por meio de mudanças perceptíveis no corpo, na fala e/ou linguagem, no comportamento e na voz. Contudo, não se julgam hábeis para detectar a mentira de outras crianças e adolescentes que não sejam seus filhos, revelando que os fatores que dificultam a percepção da mentira nos outros são falta de atenção, de convívio, a habilidade para mentir e a idade. Os maiores motivos elencados para que seus filhos utilizem a mentira, que é ocasional, deve-se ao medo da punição e a tentativa de esconder algo ou de fugir de determinada responsabilidade. **Conclusão:** Há poucos estudos na literatura sobre o assunto, sendo que os familiares revelaram que a observação de mudanças comportamentais em relação ao corpo, como as mudanças nos olhos, na boca, nas expressões faciais, na cabeça, nos pés e nas mãos, revelou sinais de que seus filhos estivessem mentindo, sendo mais fácil detectá-la nos de menor idade. A detecção é realizada em virtude do contato frequente dos familiares com seus filhos, permitindo que percebam que alguns comportamentos, não observados no dia-a-dia, mostrem-se visíveis na maioria das vezes em que mentem, julgando que a habilidade para a detecção da mentira em seus filhos não lhes permite a detecção em outras crianças e adolescentes.

PALAVRAS-CHAVE: Mentira; Detecção, Criança; Adolescente.

** a revisão sistemática não estava originalmente prevista no escopo da pesquisa, mas devido à pandemia, fizemos o acréscimo por termos não conseguirmos a amostra do estudo. Porém, enviamos a carta explicativa, o TCLE e o questionário virtualmente e conseguimos as respostas esperadas.*

1 INTRODUÇÃO

Mentir, segundo o dicionário Aurélio (2001) é 1. “Afirmar coisa que sabe ser contrária à verdade, 2. “Errar no que diz”, 3. “Induzir em erro” e 4. “Enganar”. Já a literatura científica acrescenta que a mentira é um processo psicológico realizado pelo indivíduo que almeja convencer outra pessoa a concordar com algo que o indivíduo sabe que é inverídico, com o objetivo de se beneficiar ou beneficiar outra pessoa o que gera um ganho ou preserva o sujeito que mente de uma perda (ABE *et al.*, 2007; ABE, 2009 e 2011; LEFEBVRE *et al.*, 2009). Apesar do exposto, Martins e Carvalho (2009, p. 2090) declararam que “(...) a mentira faz parte da nossa vida enquanto peça fundamental da nossa personalidade, da nossa vivência, na nossa forma de nos relacionarmos com o mundo”.

Em relação ao convívio social, a mentira tem um papel importante nessa interação, pois se só a verdade fosse exposta muitas pessoas seriam vistas como antipáticas, desagradáveis, sendo excluídos do convívio social (PEASE; PEASE, 2003). Assim, de alguma forma, todos mentem em algum momento de suas vidas (FREITAS-MAGALHÃES, 2020).

Nem sempre as crianças eram tidas como passíveis de mentir, acreditando-se na inabilidade cognitiva para a criação de mentiras, porém, essa crença foi desmistificada, sabendo-se que tanto apresentam essa capacidade quanto a executam, surgindo seu uso em torno de dois a quatro anos (STOTT, 2005).

Na primeira infância, o ato da mentira não é realizado com propriedade, pois, normalmente distorcem os fatos, geralmente pelo excesso de imaginação, em sua maioria, originando-se de um acontecimento real, permitindo que a imaginação faça o resto, misturando a realidade com a fantasia. Desse modo, a criança desenvolve o que acredita ser fundamental para sentir-se satisfeita. No entanto, entre onze e doze anos, a criança passa pela fase da ficção, onde há a criação de personagens e situações, na qual há uma distorção da verdade, mas realizada com boa intenção (ADRADOS, 1970). Para SANTOS (2015), as crianças mentem no intuito de fugir das reações adultas, visto que essas predizem ser reações negativas, sendo a imaginação um elemento fundamental para tal ato.

A mentira pode ter várias causas e finalidades, desde mentir por medo, conquistar algo que se deseja, diversão, proteção ou pelo próprio ato de enganar (FRIAS; FREITAS-MAGALHÃES, 2011).

As crianças, no caso, são propensas a mentir para se esquivarem de castigos (FRIAS; GOMES; CHAKUR, 2005). No que diz respeito aos adolescentes, Neiva (1942) concluiu que estes mentem principalmente para esconder os seus pensamentos, seus sentimentos, por não conseguirem demonstrar seus anseios perante a sociedade, ou ainda, de forma menos constante, por simples vingança. Assim, de acordo com Patterson *et al.* (1989), a família é o motivo crucial para ser mais ou menos influente na estruturação do comportamento de seus filhos, em especial, dos adolescentes, fase pela qual a mentira é utilizada de forma consciente, intencional e consistente (NEIVA, 1942). Durante esta faixa etária o ser humano torna-se capaz de mentir mais e melhor, conseguindo com mais habilidade enganar, administrando e tendo plena consciência dos benefícios e consequências de seus atos tanto para si quanto para outras pessoas (FELDMAN; TOMASIAN; COATS, 1999; MCHUGH *et al.*, 2007; TALWAR; GORDON; LEE, 2007; MARTINS, 2009, LEE, 2013).

Em virtude da convivência de pais com seus filhos, a hipótese inicial é de que tenham a capacidade de perceber, principalmente nos filhos com menor idade, quando mentem e, se o fazem, podem informar quais as pistas utilizadas para essa percepção. Frente ao exposto, o objetivo desta pesquisa foi responder à pergunta “Quais os comportamentos expressos por crianças e adolescentes que facilitam a percepção da mentira pela análise de seus pais?” e complementar com revisão sistemática sobre o assunto.

2 MÉTODO

A pesquisa foi dividida em duas fases: a primeira, de revisão sistemática e a segunda, de pesquisa de campo.

2.1 DESCRIÇÃO DA PRIMEIRA FASE

A seguir, será apresentado o curso metodológico empregado, com a estratégia de busca dos artigos e os critérios de elegibilidade empregados e a fase de coleta de dados (realizado até o momento).

2.1.1 Estratégia de Busca

A pesquisa aqui descrita trata-se de uma revisão sistemática qualitativa que foi realizada sem restrição de idioma, com a finalidade de descobrir estudos relevantes. Para isso, foi utilizado as seguintes bases de dados: PubMed, Scielo, ScienceDirect, Web Of Science, OpenGrey, OpenThesis, Lilacs e Scopus, sem aplicação de filtro com o intuito de trabalhar com uma literatura mais ampla, que constitui “detecção de mentira por pais de crianças e adolescentes”.

Após a delimitação do tema, foi aplicado o teste de relevância, elegendo-se a estratégia P.V.O. (P = paciente/sujeito, V= variável do estudo e O= desfecho) para o delineamento da pergunta norteadora da pesquisa: “Os pais conseguem detectar a mentira de seus filhos?”, como pode ser visualizado no Quadro 1.

Quadro 1. Elaboração da pergunta clínica norteadora da pesquisa

Paciente/sujeito (P)	Variável (V)	Desfecho (O)
Pais	Detectar/Perceber a mentira	Facilidade (ou não) para a detecção da mentira

Assim, os descritores foram escolhidos a partir da consulta nos Descritores em Ciências da Saúde (DeCS) da Biblioteca Virtual em Saúde e do MeSH e a partir da consulta dos descritores existentes e catalogados em ambas bibliotecas virtuais em saúde, desse modo, foram utilizadas para a busca as seguintes combinações: “Família” AND “Criança OR Adolescente” AND “Decepção” (DeCS), “Family AND Child AND Adolescent AND Deception ” (MeSH), “Familia” AND “Niño OR Adolescente” AND “Decepción”, “Detecção de mentira OR Honestidade” AND “Crianças OR Adolescentes” AND “Pais OR Relacionamentos próximos” (DeCS), “Lie detection OR Honesty” AND “Children OR Adolescents” AND “Parents OR Close relationships” (MeSH) e “Detección de mentiras OR Honestidad” AND “Niños OR Adolescentes” AND “Padres OR Amistades intimas”.

2.1.2 Critérios de Elegibilidade

Foram selecionados estudos transversais ou longitudinais descritivos, sem restrições quanto ao idioma, que apresentavam, qualitativa ou quantitativamente, quais os comportamentos observados pelos pais de crianças e adolescentes para detectar a mentira, assim como se os pais de crianças detectam a mentira com mais facilidade que os pais de adolescentes, quais os comportamentos apresentados por eles que facilitam essa detecção e por fim, se os pais possuem capacidade de detectar a mentira de seus filhos.

Foram excluídos estudos com amostras constituídas por pacientes com transtorno do espectro autista, sindrômicos, que sofreram violência sexual ou foram vitimizados de alguma forma, estudos que não tratavam de pais de crianças e adolescentes, estudos fora do escopo, editoriais, casos clínicos, comunicações e monografias.

Processo de coleta e extração dos dados

De início, foram identificados os títulos e resumos dos artigos de cada base de dados, em seguida buscou-se o texto completo do trabalho científico. Foram considerados apenas uma vez trabalhos duplicados em mais de uma das bases de dados consultadas. Após a seleção inicial, os textos completos foram avaliados por dois revisores, sendo que caso houvesse discordância entre os juízes, um terceiro (CPHARC) seria contatado para dirimir dúvidas e proceder com treinamentos, caso necessário.

Assim, os dados dos estudos elegíveis foram extraídos e organizados por dois autores (BGIZB e ALF) em um quadro, com as seguintes informações: identificação do estudo (autor, ano, local e idioma da publicação), caracterização da amostra, idade dos participantes da pesquisa, público da pesquisa, relação entre quem mente e quem detecta) e serão disponibilizados no capítulo de resultados.

Um e-mail será enviado aos autores dos estudos que apresentarem dados insuficientes que inviabilizem a comparação e sumarização com os dados dos demais estudos elegíveis, para que informações adicionais sejam fornecidas.

Análise do risco de viés

O risco de viés será analisado por meio do *Joanna Briggs Institute*. O risco de viés será considerado alto quando o estudo obtiver até 49% de pontuação “sim”, moderado quando o estudo obtiver de 50% a 69% de pontuação "sim" e baixo quando o estudo obtiver mais de 70% de pontuação "sim".

2.2 DESCRIÇÃO DA SEGUNDA FASE

2.2.1 Desenho do estudo

Estudo observacional, transversal, exploratório e qualitativo, utilizando-se a análise de conteúdo como técnica para a análise dos dados obtidos. Este é um subprojeto derivado da pesquisa integrada denominada “Análise das técnicas utilizadas por diferentes profissionais e leigos para a detecção da mentira”.

2.2.2 Caracterização da amostra

A amostra foi constituída por conveniência, com adultos residentes no Estado do Sergipe, com diferentes graus de instrução, gênero e profissão. O número de participantes foi de dezesseis familiares, sendo treze mães e três pais, com idades entre 22 e 53 anos ($39 \pm 7,721337165$), sendo genitores de onze crianças entre três e nove anos ($5 \pm 2,400757456$), denominados de S de sujeito acompanhado dos números doze a 22, ou seja, de S12 a S22) e onze de adolescentes (do S1 ao S11), entre treze e dezoito anos ($15,09 \pm 1,640399065$).

Quanto à escolaridade, dois familiares apresentavam ensino fundamental incompleto, um ensino técnico completo, um a graduação incompleta, sete o ensino médio completo, quatro o ensino superior completo e um com pós-graduação.

Em relação ao nível socioeconômico, cinco familiares recebem até um salário mínimo (classe socioeconômica C2), dez recebem até três salários mínimos (classe C1) e um mais de três salários mínimos (B2).

2.2.3 Critérios de elegibilidade

Os critérios de elegibilidade foram: de inclusão – ser familiar com filhos nas faixas etárias do estudo (crianças e adolescentes), concordar em participar da pesquisa e ser leigo no assunto e de exclusão: familiares que não conviviam com seus filhos e crianças/adolescentes com transtorno do espectro autista.

2.2.4 Desenho do estudo

O estudo foi dividido em três fases: pré-análise, análise do material e tratamento dos resultados (CÂMARA, 2013).

Na primeira fase (pré-análise) foi realizado levantamento de literatura para a construção de um roteiro para entrevista, a partir da elaboração da pergunta norteadora da pesquisa. Posteriormente, o roteiro foi testado, aplicando-se a entrevista com um adulto com ensino médio completo, genitor, que não participou da amostra por conveniência. Ajustes no vocabulário, na formulação das perguntas e no tempo da entrevista foram realizados. Após a versão final do instrumento (Apêndice 1), este foi aplicado com os participantes da pesquisa.

As entrevistas foram tanto presenciais quanto por *Skype™*, devido à Pandemia do Covid-19. As entrevistas foram individuais e aplicadas com os participantes em dias, horários e locais pré-definidos, bem como sem distratores (como entrada e saída frequente de pessoas no local ou sem demais pessoas presentes no momento da entrevista virtual). Quando presenciais, foram realizadas em salas e espaços apropriados para a condução das entrevistas, ou seja, iluminadas, ventiladas. Quando a distância, o *software Skype™* foi utilizado e acessado com uso de notebook Dell intel Core i5, por meio de comunicação pela internet, por meio de comunicação com voz e vídeo. A entrevista encontra-se no Apêndice 1.

As entrevistas foram gravadas em um gravador de voz digital Sony Icd-px312 – 2gb, Usb Mp3, disponibilizado a um metro de distância do entrevistador e do entrevistado quando presencial.

Posteriormente os dados obtidos nas entrevistas foram transcritos. A seguir, foi procedida a leitura flutuante, elegendo-se os índices ou categorias, organizando-os em indicadores ou temas. Tais indicadores foram definidos, para que cada elemento seja alocado em uma única categoria. O tempo da entrevista não ultrapassou a 50 minutos.

A terceira fase foi a da análise do conteúdo, por meio da inferência e da interpretação, descrita a seguir.

2.2.5 Análise dos dados

Os resultados obtidos nas entrevistas foram analisados tanto pelos dados brutos quanto por seu conteúdo latente, ou seja, pela *inferência* e, posteriormente, pela *interpretação* (para verificar se havia conceitos ou não) e *proposição* de análise, formulando-se um enunciado geral a partir dos dados. Para tanto, na proposição, a literatura foi novamente lida e analisada, para embasar cientificamente e dar sentido à interpretação (CÂMARA, 2013). Além disso, foi utilizada a análise quantitativa, por meio de estatística descritiva (número de respostas e percentual) para a atribuição de respostas similares.

2.2.6 Critérios éticos da pesquisa

Projeto aprovado pelo CEP sob o parecer CAAE 81343717.5.0000.5546. Os participantes receberam carta explicativa e, caso concordassem em participar da pesquisa, assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

3. RESULTADOS

Os resultados foram divididos de acordo com as fases da pesquisa: primeira (revisão sistemática) e segunda (pesquisa de campo).

3.1 RESULTADOS DA PRIMEIRA FASE

O início da revisão sistemática deu-se pela seleção de unitermos que respondessem à pergunta delineada pela estratégia PVO.

BASE DE DADOS	UNITERMOS	QUANT.	INCL.	EXCL.
LILACS	Família; Criança; Adolescente; Decepção. Family; Child; Adolescent; Deception.	32	0	32
SCIELO	Family; Child; Adolescent; Deception.	1	0	1
PUBMED	Family; Child; Adolescent; Deception.	174	11	163
SCIENCE DIRECT	Family; Child; Adolescent; Deception.	5.203	15	5.188
SCOPUS	Family; Child; Adolescent; Deception.	40	1	39
OPENTHESIS	Family; Child; Adolescent; Deception.	18	1	17
OPENGREY	Family; Child; Adolescent; Deception.	0	0	0
WEB OF SCIENCE	Family; Child; Adolescent; Deception.	157	7	150

Motivos das exclusões:

- ✓ Fora do escopo
- ✓ Relatos de casos
- ✓ Revisões, livros (ou capítulos)
- ✓ Resumos de trabalhos apresentados em eventos científicos
- ✓ Repetidos

A partir da seleção dos resumos e títulos nos oito bancos de dados virtuais selecionados, os artigos foram lidos na íntegra, descrevendo-se os motivos de exclusão (Quadro 2).

Quadro 2. Artigos lidos na íntegra e os motivos de exclusão.

BASE DE DADOS	TÍTULO DO ARTIGO	MOTIVOS DA EXCLUSÃO	INCLUÍDOS
PUBMED (N=11)	Can parents detect 8- to 16-year-olds' lies? Parental biases, confidence, and accuracy		X
	From little white lies to filthy liars: the evolution of honesty and deception in young children	Relata sobre a evolução da mentira nas crianças, como esta se desenvolve e quais fatores contribuem para tal fato.	
	Information management and behavior problems: Is concealing misbehavior necessarily a sign of trouble?	Descreve o gerenciamento de informações pelos adolescentes	
	Perceptions of dishonesty: understanding parents' reports of and influence on children and adolescents' lie-telling	Da influência da mentira durante o percurso vital da infância a vida adulta.	
	Strategic action or self-control? Adolescent information management and delinquency	Comenta sobre a influência dos pais no gerenciamento de informações pelos adolescentes.	
	The honest truth about deception: demographic, cognitive, and neural correlates of child repeated deceptive behavior	Sobre o uso da mentira em situações de baixo e alto riscos pelas crianças.	
	To lie or not to lie: to whom and under what circumstances	Expõe as circunstâncias que os adolescentes decidem mentir.	
	Should we tell parents when we've made an error?	Relata sobre o erro cometido por profissionais da saúde com crianças, em que os profissionais devem refletir sobre a necessidade de informar o erro cometido aos familiares ou não.	
	Can parents detect 8- to 16-year-olds' lies? Parental biases, confidence, and accuracy	REPETIDO	

	Perceptions of dishonesty: understanding parents' reports of and influence on children and adolescents' lie-telling	Comenta sobre a influência dos pais nas mentiras contadas pelos filhos	
	Adults' ability to detect children's lying	Sobre a capacidade de detecção de mentiras em crianças, mas realizada por adultos e não os pais	
SCIENCE DIRECT (15)	Children's lies and their detection: Implications for child witness testimony	Explora a detecção da mentira de crianças por adultos, mas não são os pais.	
	Developmental profiles of children's spontaneous lie-telling behavior	Discorre sobre o desenvolvimento e a frequência da mentira em crianças e não como os pais identificam esse comportamento.	
	Differences and similarities in lying frequency, moral evaluations, and beliefs about lying among children with and without conduct problems	Apresenta a frequência com que as crianças mentem. Além de compará-las com aquelas que tem problemas comportamentais.	
	From junior to senior Pinocchio: A cross-sectional lifespan investigation of deception	Expõe a frequência da mentira ao longo da vida, da infância à velhice.	
	Influence of social factors on the relation between lie-telling and children's cognitive abilities	Relata a influência dos pais no desenvolvimento da mentira dos filhos.	
	Lie and Deception in Adolescence: A Study with Portuguese Students	Explora as percepções dos jovens sobre mentir em diferentes situações.	
	Lying and age: An experimental study	Apresenta o perigo do comportamento mentiroso nas crianças e adolescentes.	
	Parental monitoring, adolescent dishonesty and underage drinking: A nationally representative study	Relata o consumo de álcool por adolescentes devido ao uso da mentira	
	Parenting by lying in childhood is associated with negative developmental outcomes in adulthood	Sobre a influência da mentira na infância na vida adulta.	
	Shading the truth: The patterning of adolescents' decisions to avoid issues, disclose, or lie to parents	Explora as características das revelações da mentira pelos adolescentes	

	The dark side of white lies: Parenting by lying in childhood and adolescent anxiety, the mediation of parent-child attachment and gender difference	Ressalta sobre a influência da mentira na infância no que se refere ao desenvolvimento de ansiedade na adolescência.	
	The effects of punishment and appeals for honesty on children's truth-telling behavior	Foca o uso da mentira pelas crianças em diferentes condições.	
	The relation between having siblings and children's cheating and lie-telling behaviors	Descreve a influência dos irmãos no ato de mentir.	
	Developmental profiles of children's spontaneous lie-telling behavior	Fala da frequência da mentira em crianças e classifica-as de acordo com essa frequência.	
	Parental mind-mindedness but not false belief understanding predicts Hong Kong children's lie-telling behavior in a temptation resistance task	Fala sobre a compreensão da mentira nas crianças.	
SCOPUS (01)	Parental autonomy support and honesty: The mediating role of identification with the honesty value and perceived costs and benefits of honesty	Comenta sobre a relação dos pais de adolescentes no apoio à honestidade	
OPENTHESIS (01)	The coordination of social contextual features in children's use of and reasoning about honesty and deception.	Expões sobre o desenvolvimento das mentiras nas crianças e sobre o engano dos pais e professores.	
WEB OF SCIENCE (08)	A longitudinal examination of the relation between lie telling, secrecy, parent-child relationship quality, and depressive symptoms in late-childhood and adolescence.	Relaciona a mentira com a depressão.	
	Perceptions of dishonesty: understanding parents' reports of and influence on children and adolescents' lie telling.	Descreve a influência dos pais na mentira de crianças e adolescentes.	
	Parents' marital status, psychological counseling and dishonest kindergarten	Compara as características de pais separados ou não na honestidade de crianças.	

children: an experimental study.		
Perception is key? Does perceptual sensitivity and parenting behavior predict children's reactivity to others' emotions?	Explora sobre as emoções dos pais em relação às emoções dos filhos.	
Can parents detect 8-to 16-year-olds' lies? Parental biases, confidence, and accuracy	REPETIDO	
Adults' detection of deception in children: effect of coaching and age for children's true and fabricated reports of injuries	Narra sobre a veracidade da fala de crianças em relação a ferimentos de urgência e emergência	
The effects of punishment and appeals for honesty on children's truth-telling behavior	Discorre sobre a evolução da mentira em crianças e a influência dos apelos de dizer ou não a verdade.	
Deception and its detection in children: A study of adult accuracy.		X

Desta forma, apenas 2 artigos foram incluídos, como pode ser observado no Quadro 3.

Quadro 3. Resultado a partir da leitura dos artigos.

BASE DE DADOS	QUANTIDADE	EXCLUIDOS	INCLUÍDOS
SCOPUS	7	07 fora do escopo	0
PUBMED	12	11 fora do escopo	1
SCIENCE DIRECT	23	23 fora do escopo	0
WEB OF SCIENCE	08	07 fora do escopo	1
OPENTHESIS	01	01 fora do escopo	0
TOTAL	51	49	2

Pela leitura das referências dos artigos, foram obtidas onze referências de possíveis artigos, disponibilizados no Quadro 4.

Quadro 4. Possíveis artigos obtidos a partir da leitura das referências do acervo consultado e motivos de exclusão/inclusão.

TÍTULO DO ARTIGO	MOTIVO DA EXCLUSÃO	INCLUIDO
Chahal, K.; Cassidy, T. (1995). Deception and its detection in children: A study of adult accuracy. <i>Psychology, Crime & Law</i> , 1(3), 237–245.		X
Feldman, R. S.; Jenkins, L.; Popoola, O. (1979). Detection of deception in adults and children via facial expressions. <i>Child Development</i> , 50, 350–355.	Pesquisa sobre a detecção em relação às expressões faciais, porém não pelos pais.	
Edelstein, R. S.; Luten, T. L.; Ekman, P.; Goodman, G. S. (2006). Detecting lies in children and adults. <i>Law and Human Behavior</i> , 30, 1–10.	Descreve sobre a diferença entre a detecção da mentira entre crianças e adultos por observadores (porém não pelos pais).	
Crossman, A. M.; Lewis, M. (2006). Adults' ability to detect children's lying. <i>Behavioral Sciences and the Law</i> , 24, 703–715.	Relata sobre a detecção de mentira de crianças por adultos, porém não pelos pais.	
Wilson, A. E.; Smith, M. D.; Ross, H. S. (2003). The nature and effects of young children's lies. <i>Social Development</i> , 12, 21–45.	Discorre sobre a natureza das mentiras na infância.	
Newton, P.; Reddy, V., Bull, R. (2000). Children's everyday deception and performance on false-belief tasks. <i>British Journal of Developmental Psychology</i> , 18, 297–317.	Explica o aprendizado da mentira	
Lavoie, J.; et al. (2017). Developmental profiles of children's spontaneous lie-telling behavior. <i>Cognitive Development</i> , 41, 33-45.	Analisa a frequência das mentiras e o perfil da criança que mente.	
Bureau, J. S.; Mageau, G. A. (2014). Parental autonomy support and honesty: The mediating role of identification with the honesty value and	Custos e benefícios da honestidade e sobre a mediação dos pais.	

perceived costs and benefits of honesty. <i>Journal of Adolescence</i> , 37(3), 225-236.		
Dykstra, V. W.; Willoughby, T.; Evans, A. D. (2020). Perceptions of dishonesty: understanding parents' reports of and influence on children and adolescents' lie-telling. <i>Journal of youth and adolescence</i> , 49(1), 49-59.	Os pesquisadores acompanharam pais e filhos por dois anos, no ambiente doméstico, analisando os comportamentos dos pais quando seus filhos mentiam, bem como os motivos que levaram as crianças a mentirem.	
Feldman, R. S.; White, J. B. (1980). Detecting deception in children. <i>Journal of Communication</i> , 30, 121-128.	Artigo que explora as diferenças da mentira entre crianças mais jovens e mais velhas, bem como entre os sexos.	
Talwar, V.; Crossman, A.; Williams, S.; Muir, S. (2011). Adult detection of children's selfish and polite lies: experience matters. <i>Journal of Applied Social Psychology</i> , 41, 2837-2857.	Relata sobre a detecção de mentira de crianças por adultos, porém não pelos pais.	
Evans, A. D.; Bender, J.; Lee, K. Can parents detect 8-to 16-year-olds' lies? Parental biases, confidence, and accuracy. <i>Journal of Experimental Child Psychology</i> , v. 147, p. 152-158, 2016.		X
Grigoryeva, M. S. Strategic action or self-control? Adolescent information management and delinquency. <i>Social science research</i> , v. 72, p. 225-239, 2018.	Comenta sobre a influência dos pais no gerenciamento de informações pelos adolescentes.	
Talwar, V.; et al. Influence of social factors on the relation between lie-telling and children's cognitive abilities. <i>Journal of</i>	Relata a influência dos pais no desenvolvimento da mentira dos filhos	

Experimental Child Psychology, v. 159, p. 185-198, 2017.		
---	--	--

Após a leitura crítica dos dois artigos selecionados, seus dados foram agrupados em uma tabela contendo as informações técnicas dos artigos (autores, ano e local de publicação), caracterização da amostra (quantidade, sexo e idade), método adotado, resultados principais e conclusão dos estudos (Quadro 5, Apêndice 2).

< LOCAL DE INSERÇÃO DO QUADRO 5 >

3.2. RESULTADOS DA SEGUNDA FASE

As respostas foram divididas em sete itens em relação à detecção da mentira de seus(uas) filhos(as): capacidade do próprio genitor, técnicas utilizadas, frequência da mentira, motivos da mentira, dificuldades para detectá-la, opinião sobre o uso da mentira no futuro dos filhos e estão dispostas a seguir.

3.2.1 Capacidade do(a) genitor(a) em detectar a mentira de seus(uas) filhos(as)

Quando os genitores foram questionados sobre sua capacidade para identificar a mentira de seus filhos, o maior percentual de respostas tanto para os pais de filhos adolescentes quanto para os de crianças foi para “a maioria das vezes”, embora para os pais de adolescentes esse percentual tenha sido maior (n=8; 72,73%) do que para os de crianças (n=7; 63,64%).

3.2.2 Técnicas utilizadas pelos genitores para a identificação da mentira de seus(uas) filhos(as)

Pelas respostas da pergunta aberta, a grande maioria, independentemente da faixa etária de seus filhos, relatou que a identificação se dá por mudanças perceptíveis no corpo (n=17; 77,27%), na fala e/ou linguagem (n=8; 36,36%), no comportamento (n=6; 27,27%) e na voz (n=3; 13,64%).

3.2.3 Em relação ao corpo

Em relação ao corpo, de forma espontânea, para os familiares os *olhos* pareceram ser reveladores (n=9; 40,91%), com comportamentos como evitar (S8 – adolescente de 16 anos e três crianças, uma de cinco – S14, outra de oito – S13 e outra de nove anos – S15) ou desviar o olhar (S6, adolescente e S22, criança), bem como arregalar de olhos (S1, S11 e S21, adolescentes de 18 e 13 anos, respectivamente e criança de 04 anos); seguido da *boca*, com a presença do sorriso ou de risada (n=5; 22,73%, sendo dois adolescentes: S3 com 16 anos e S10, com 14 e três crianças: S12 e S15, com nove anos e S17, com três anos), excesso de movimento bucal em duas crianças, S21 e S22; expressão facial (medo ou seriedade, presentes em S2 e S5, dois adolescentes do gênero masculino com 14 e 15 anos, respectivamente, bem como em S18, uma menina de seis anos); *cabeça*, como abaixá-la (duas crianças, uma de 5 e outra de 9 anos, S14 e S15 respectivamente) no entanto S22 demonstra exagero na movimentação da cabeça; movimento dos *pés* (adolescente de 13 anos, S11) e das mãos (n=2; 9,91%, com tremor em uma criança de oito anos, S13 e aumento do uso de gestos, em uma adolescente de 13 anos, S4). Quando a pergunta foi dirigida, 100% dos familiares participantes da pesquisa relataram mudanças no corpo durante a mentira.

Já quando foram realizadas perguntas dirigidas sobre as partes do corpo que poderiam revelar pistas de um discurso desonesto, foram citados: *os olhos* (n=18; 81,82%), com exemplos como olhar para baixo ou para os lados (três adolescentes: S4, S7, S10 e quatro crianças: S13, S14, S15 e S18), desviar ou evitar o olhar (quatro adolescentes: S5, S6, S8 e S9 e uma criança: S22), arregalar os olhos (três adolescentes: S1, S2 e S11 e duas crianças: S17 e S21), piscar (um adolescente: S1 e duas crianças: S18 e S20) e ficar mais vermelho (adolescente S1); *a cabeça* (n=13; 59,09%), com aumento do seu movimento (quatro adolescentes: S1, S2, S4 e S8 e cinco crianças: S12, S13, S14, S18 e S22) e mudança de posição, ou para baixo ou virando a cabeça (dois adolescentes:

S5 e S10 e duas crianças: S15 e S16); **a boca** (n=18; 81,82%), com aumento de seus movimentos (três adolescentes: S2, S3 e S11 e cinco crianças: S12, S15, S16, S21 e S22), diminuição do movimento ou articulação travada (dois adolescentes: S4 e S8 e duas crianças: S13 e S14), tensão nos lábios (dois adolescentes: S5 e S6 e uma criança: S16), tremor (dois adolescentes: S1 e S7) e sorriso (um adolescente: S10); **a face** (n=17; 77,27%), com citações de expressões de medo, insegurança ou aflição (três adolescentes: S2, S4, S8 e duas crianças: S13 e S14), de rubor (S1, S18 e S20), tensão (S6), franzimento de testa (S5), expressão de vergonha (S3), sorriso (S15), elevação de sobrancelhas (S7) e vários movimentos associados na face (S12 e S21); **os pés** (n=8; 36,36%), com a visualização de bater os pés no chão (um adolescente: S8 e três crianças: S13, S14 e S15), balançar-los (dois adolescentes: S1, S5 e uma criança: S11) e esfregar-los um contra o outro (uma criança: S12); **as pernas** (n=7; 31,82%), com o balanço (dois adolescentes: S2, S5 e duas crianças: S14 e S15) e o tremor (dois adolescentes: S1 e S8 e uma criança: S13); **os ombros** (n=6; 27,27%), com a observação de sua anteriorização, como se estivessem “caídos” (um adolescente: S4 e duas crianças: S12 e S17), com movimento (S1) e tensão (S13 e S22); **tronco** (n=3; 13,64%), com movimentos (um adolescente: S1 e uma criança: S13) e tensão (um adolescente: S8) e **mãos** (n=2; 9,91%), com estalo de dedos (adolescente S6) e aumento de movimento (criança S19).

3.2.4 Em relação à linguagem e à fluência

Quanto às mudanças na fala e/ou linguagem, estas foram relatadas espontaneamente pelos participantes, indicando que seus filhos modificam a forma usual de falar (S4), exagerando no discurso (S18), falando muito (S11), aumentando a velocidade da fala (S16), introduzindo pausas longas (S8), podendo apresentar disfluência gaga (S5), ou ainda, com discurso contraditório (S2). Tais mudanças foram observadas, portanto, em cinco adolescentes (S4/11, S2, S5 e S8, de 13, 14, 15 e 16 anos, respectivamente) e em duas crianças (S16, de 8 anos e S18, de 6 anos). Quando a pergunta foi dirigida, sendo oferecidos exemplos de aspectos relacionados à fluência, notou-se aumento marcante (n=18; 81,82%), com relatos de disfluência gaga (S1, S15, S16, S19 e S20) e não gaga (S6); com mudanças na velocidade da fala, sendo atribuída velocidade mais rápida por quatro genitores de adolescentes (S2, S4, S7 e S11), cabendo ressaltar que quatro familiares relataram a mudança na velocidade, sem citar se mais rápida ou devagar (S1, S5, S16 e S21); com a introdução de pausas longas (S8, S9, S10, S13, S14 e S21) e com o relato de prolongamentos (S20), além de repetição de fonemas e/ou palavras demonstradas pelos sujeitos S21 e S22.

3.2.5 Em relação ao comportamento

Os comportamentos que revelaram, segundo os participantes, a mentira em seus filhos, foram: a tentativa de mudar de assunto (dois adolescentes: S1 / 18 anos e S9 / 17 anos e uma criança, S19 – de três anos); a negação (um adolescente, S1 de 18 anos e uma criança, S19, de três anos), incluindo a atribuição de culpa a outra pessoa; o nervosismo (dois adolescentes, S6, de 14 anos e S11, de 13 anos), a desconfiança (um adolescente de 18 anos, S1 e uma criança, S20, de seis anos) e o silêncio, ou seja, o filho fica “calado” (uma criança, S20, de seis anos). Desta forma, os genitores de quatro adolescentes (S1, S6, S9 e S11) e duas crianças (S19 e S20) apontaram mudanças no comportamento.

3.2.6 Em relação à voz

As mudanças nos parâmetros vocais também foram citadas, de forma espontânea, por três genitores (duas mães: M4 e M11 e um pai: P3) em seus filhos adolescentes (S5, com 15 anos e S7 e S8, ambos com 16 anos). Foram citadas mudanças no *loudness* (mais forte em S7 e mais fraco em S8) e presença de tremor (S5). Interessante notar que, apesar do percentual reduzido de mudanças na voz, todas foram citadas em adolescentes. Quando foi realizada pergunta direta sobre a possível interrelação da voz com a mentira, exemplificando-se os aspectos da análise perceptivoauditiva vocal, houve um aumento considerável de respostas nesse sentido (n=18, 81,82%), sendo citadas mudanças no *pitch*, ficando mais aguda (cinco adolescentes: S3, S4, S8, S9, S10 e cinco crianças: S13, S14, S19, S20, S21); no *loudness*, ficando mais fraca para a maioria dos familiares que citaram alterações neste item (notada em dois adolescentes: S2, S9 e quatro crianças: S14, S15, S20 e S22) e uma mãe (M11) relatou que a voz de seu filho fica mais forte (uma criança de oito anos, S16); e com a presença de instabilidade, com o relato de tremor na voz (em quatro adolescentes: S5, S6, S7 e S11 e uma criança: S13).

3.2.6 A frequência da mentira

Em relação à frequência da mentira, tanto os familiares dos adolescentes quanto das crianças relataram ser ocasional, ou seja, “às vezes”, sendo esta resposta obtida em 100% da amostra coletada.

3.2.7 Motivos que levam os(as) filhos(as) a mentirem

Os genitores foram questionados sobre os motivos de seus filhos mentirem, foram citados: o medo da punição e/ou repreensão (n=10; 45,45% - cinco adolescentes: S1, S6, S8, S10, S11 e cinco crianças: S13, S16, S19, S20 e S21), a tentativa de esconder algo ou de fugir de determinada responsabilidade (um adolescente: S4 e três crianças: S14, S15 e S17), dentre outras, tais como: educação rígida (M4), testar os pais (S6) e para não magoar (S9). Dois argumentos citados expressam ou a normalidade do ato do mentir quando não realizado constantemente (M9) ou a falta de compreensão, por parte da criança, da “vida” (M6). Um outro argumento apresentado foi de que a criança mente para ganhar algo (S22).

3.2.8 Dificuldades na detecção da mentira

Os aspectos que dificultam a detecção da mentira foram diversos na opinião dos genitores participantes: o contato que se tem com o Outro, quando reduzido (M2, M4, M5, M10, M12, P1 e P3); a habilidade para mentir (M3, M6, M7, M8, M10 e P2); a atenção que é dada ao Outro (M1, M5 e M11), ou melhor dizendo, a falta dela; bem como a idade, pois “quanto maior, mais esperto”, segundo depoimento de M9 ou quanto menor, “mais inocente” (M6); além das palavras usadas para mentir (M15).

3.2.9 O uso da mentira e o futuro dos (as) filhos(as)

A mentira, de acordo com a maioria dos participantes (n=21; 95,45%), pode atrapalhar o futuro de uma pessoa, pois pode, segundo os participantes: induzir à falhas no caráter, incluindo a desonestidade (n=6; 27,27% - M1, M4, M5, M6, M8, M10); diminuir a confiança nas relações interpessoais (n=3; 13,64% - M3, M7, M9); acarretar em consequências (n=5; 22,73% - M5, M6, M12, M13 e P1); diminuir o enfrentamento para a resolução de problemas (n=2; 9,91% - P2 e P3) e fazer com que o sujeito acredite na própria mentira (n=1; 4,45% - M2).

3.2.10 Outros

Um dos participantes fez um acréscimo no final da entrevista, a partir da pergunta ao entrevistador acerca das condutas que devem ser adotadas mediante a constatação do uso da mentira por parte de seu(s) filho(s). Mediante o exposto, será providenciado um material informativo escrito sobre o assunto, com subsídio teórico de Comin (2010) e Gomide (2017) e um vídeo, que será elaborado por meio do software Zoom, enviando-se o link aos participantes, sendo disponibilizado e-mail do pesquisador principal para a retirada de dúvidas.

Cabe ressaltar que foi submetido trabalho para evento científico (comprovante consta no Apêndice 3).

4 DISCUSSÃO

4.1 FASE 1

Inicialmente foi possível constatar que há pouca produção de literatura sobre o assunto, tendo em vista que de 5.625 títulos disponíveis, somente 2 foram incluídos.

Os pesquisadores são internacionais (em especial do Canadá e Reino Unido), evidenciando que o Brasil ainda carece de foco investigativo e desenvolvimento na área.

O objetivo da pesquisa era verificar se os pais conseguem detectar a mentira de seus filhos. Porém, antes de tecermos considerações sobre a detecção da mentira, faz-se pertinente esclarecer que a relação de confiança estabelecida entre pais e filhos permite facilitar um autoconhecimento entre ambos, além de evidenciar, para os filhos, que os pais sempre os apoiarão em suas decisões e dificuldades. Ao desenvolver essa relação, a criança e/ou adolescente torna-se mais confiante de si, o que permite que este seja capaz de resolver seus problemas de modo mais independente. Vale ressaltar que essa relação é construída ao longo do tempo por meio de atitudes de ambos os lados (pais e filhos), podendo ser quebrada mediante desentendimentos e pelo uso da mentira. Assim, a honestidade é importante para construir a confiança entre pais e filhos, bem como os pais são responsáveis por introduzirem, em seus filhos, as normas sociais da honestidade (HEYMAN *et al.*, 2009).

A honestidade é uma característica amplamente valorizada pela sociedade, no entanto, o ser humano é suscetível a erros sendo julgado pelos mesmos. Quando criança, os pais tendem a incentivar que seus filhos sejam honestos, para que cresçam e possuam essa característica como valor moral. Além disso, as crianças geralmente são o espelho dos pais, que geralmente prezam por manter uma boa imagem (CONLEY *et al.* 2011).

A mentira é interpretada como o meio do sujeito (seja criança ou adolescente) escapar de uma punição, para a resolução de algum problema ou para agradar outra pessoa. Em contrapartida, os pais como mediadores do desenvolvimento da moral, punem a mentira e sentem-se desqualificados quanto ao exercício de seus papéis quando percebem que seus filhos mentiram (MARTINS, 2020).

Vale ressaltar que para que a frequência da mentira diminua é necessário que os pais deem voz a seus filhos, encorajando-os a enfrentarem e solucionarem seus problemas (MARTINS, 2020). Isso porque Wilson; Smith; Ross (2003) constataram que apesar da valorização da honestidade por parte dos pais, raramente tratam desse assunto com as crianças. Mediante o uso da mentira, os pais são propensos a puni-los, a ignorarem a mentira ou a acreditarem na mentira, ao invés de discutirem sobre os reais motivos do seu uso, segundo os autores (WILSON; SMITH; ROSS, 2003). Esses comportamentos podem ser explicados como um mecanismo de proteção para que se mantenha uma boa relação entre pais e filhos (DYKSTRA; WILLOUGHBY; EVANS, 2020).

Chahal; Cassidy (1995) verificaram que o fato de um adulto ser “pai” facilita a detecção da mentira em crianças, quer sejam seus filhos ou não. No entanto, Evans; Bender; Lee, (2016), verificaram, de forma geral, que adultos são fracos para identificarem a mentira realizada por crianças e adolescentes embora os pais apresentem maior tendência de acertos.

Se os pais conseguem ou não detectarem a mentira de seus filhos parece ser uma pergunta que ainda precisa de maiores evidências científicas para ser respondida. Como crianças mais velhas tendem a mentir melhor que as crianças mais novas, infere-se que a detecção da mentira de filhos adolescentes seja mais difícil do que a utilizada por filhos menores, podendo haver diferenças quanto ao seu uso em relação ao gênero (WILSON; SMITH; ROSS, 2003).

Pesquisas de campo sobre as habilidades autorreferidas dos pais para a detecção da mentira, bem como a comparação entre grupos de pais e não pais observando discursos honestos e mentirosos proferidos por crianças e adolescentes (filhos e não filhos) necessitam ser estimulados por pesquisadores nacionais e internacionais, sendo evidenciada a fragilidade da área sobre o assunto.

Somente com evidências científicas poderemos auxiliar os familiares no assunto e fortalecer os estudos sobre a compreensão do desenvolvimento da moral e sobre a detecção da mentira.

4.2 FASE 2

Entre a variabilidade dos fatores que levam a detecção da mentira existem alguns que chamam mais atenção que outros. No entanto, para Brito (2013), a capacidade para identificar a mentira trata-se de uma habilidade que, se treinada, pode favorecer o seu reconhecimento, uma vez que podem haver “vazamentos”, ou seja, sinais que revelam tais atos. Isto acontece porque a mentira, por ser de natureza mais complexa do que a verdade, exige maior carga cognitiva para ser elaborada e executada (BLANDÓN-GITLIN *et al.*, 2017). Outrossim, deve-se levar em consideração que além de ser um ato cognitivo, é também aprendido e, portanto, social (DING *et al.*, 2018).

Na relação parental, a honestidade é um aspecto fundamental para o estabelecimento da confiança, sendo que quanto mais próximo for este relacionamento, maior será a dificuldade na detecção da mentira, caracterizando os pais como um grupo que tenderá a assumir que o discurso de seus filhos seja mais verdadeiro do que o são na realidade (LEACH *et al.*, 2004; CROSSMAN *et al.*, 2006 e EVANS; BENDER; LEE, 2016).

Quando se discorre sobre a detecção da mentira por parte de leigos, essa detecção pode ocorrer ao acaso, ou seja, com 50% de chances de acerto ou erro (DEPAULO *et al.* 1988). No entanto, não parece ser essa a percepção dos familiares entrevistados, que afirmaram conseguir detectá-las na maioria das circunstâncias, embora com maior dificuldade quanto maior a faixa etária do filho. Em uma revisão sistemática de metanálise, Bond Jr; DePaulo (2006) constataram acertos na detecção da mentira em aproximadamente 54% das ocasiões, próximas ao acaso, revelando discordância com os nossos achados. Crossman e Lewis (2006, p. 711) comentaram que “os adultos são pouco qualificados para detectar as mentiras das crianças, assim como para identificar os discursos honestos”. O resultado era previsto, uma vez que os adultos testados no estudo de Crossman e Lewis não tinham contato com as crianças avaliadas. Convém, porém salientar que Evans; Bender; Lee (2016) relataram que os familiares da pesquisa, apesar de terem acertos na detecção da mentira e estas serem próximas ao acaso, estavam

altamente confiantes em seus julgamentos, sendo testada tal hipótese, o que pode justificar os resultados obtidos em nosso estudo.

As respostas obtidas evidenciaram que os pais avaliam que, com o avançar da idade, seus filhos se tornam mais habilidosos para mentir, o que dificulta a sua detecção. Conforme a literatura (LEACH *et al.*, 2004), as crianças passam a manipular de forma mais efetiva seus comportamentos e a mentir mais efetivamente com o passar dos anos. Isso mostra que com o avançar da idade, obtém-se melhores autocontrole e capacidade para camuflar a mentira (PEREIRA *et al.*, 2006). Martins (2009) acrescentou que a mentira, nomeada como ato moralmente controverso e enquanto fenômeno aprendido no convívio social, pode ser o reflexo daquilo que o adolescente vê e ouve em casa; e o seu emprego poderá vir da base de concepções morais vigentes no modelo familiar apresentado no decurso do seu crescimento.

Já na primeira infância há deturpação dos fatos, quase sempre por excesso de imaginação, segundo Adrados (1970). Em contrapartida, é possível a utilização da mentira estratégica (aquela utilizada de forma a dissimular algo que foi realizado para não receber uma punição, por exemplo), a partir dos três anos de idade, porém com maior desenvoltura entre os 4-5 anos (EVANS; XU; LEE, 2010). Já na adolescência, as habilidades e a noção de realidade são maiores favorecendo mentiras mais elaboradas e dentro do contexto social o que a torna mais difícil de serem detectadas. Porém, faz-se importante mencionar que o assunto é de ordem complexa e que outros fatores devem e precisam ser analisados.

Pesquisadores (TALWAR *et al.*, 2017) evidenciaram que pais altamente autoritários e com alto controle inibitório preveem uma menor propensão de que seus filhos mintam, mas quando seus filhos mentem, há melhor controle do vazamento semântico, dificultando sua detecção. Tais resultados evidenciam que a relação com as habilidades cognitivas das crianças pode ser moderada pelos comportamentos parentais. Talwar; Lee (2011) acrescentaram que um ambiente punitivo não só aumenta a desonestidade como a capacidade da criança em mentir para encobrir suas transgressões.

No que tange aos sinais que colaboram para a detecção da mentira muito se acredita que há um aumento na movimentação corporal, podendo também ocorrer uma diminuição destes. Ao mentir há uma tentativa de controle das emoções e comportamentos no intuito de mascarar o nervosismo, tentando-se diminuir os sinais não-verbais, desta forma, o sujeito que mente tende a fortalecer a credibilidade do seu discurso. No entanto, o comportamento controlado (com pouco movimento corporal) dá a impressão de planejado, ensaiado e com falta de espontaneidade (VRIJ, 2001; DEPAULO *et al.*, 2003; MANN; VRIJ, 2006; HARTWIG; BOND, 2011). Os resultados obtidos em nossa pesquisa evidenciaram o contrário. Portella (2006) e Bispo *et al.* (2017) ratificaram o exposto pelos familiares. Bispo *et al.* (2017) concluíram que durante a produção de discursos mentirosos houve tendência à modificação do movimento corporal, tendo como principal ponto de gatilho a alteração postural. Ekman; Friesen (1974) comentaram que apesar da tentativa de ocultar os sentimentos verdadeiros durante a mentira, não é possível disfarçar plenamente tais sentimentos, ocasionando o aparecimento de pistas. Pereira *et al.* (2005) revelaram que quando o sujeito mente pode ser percebido o nervosismo, a incoerência no discurso, muitas pausas, interrupções da fluência, diminuição do contato ocular, presença de gestos excessivos das mãos e mudanças posturais. Quinta (2008) acrescentou a mudança no *pitch* vocal e na velocidade

da fala, sendo que para a detecção tanto o sujeito que mente quanto o observador precisam ser hábeis.

Para Iwasaki; Noguchi (2016), a vida diária é repleta de expressões verdadeiras e falsas, sendo que microexpressões nos olhos podem revelar nossas emoções verdadeiras enquanto os movimentos da boca revelam outra, para mascarar as verdadeiras emoções, como por exemplo, vemos alguém que não gostamos e sorrimos. Tal afirmação pode justificar como os familiares conseguem discriminar expressões emocionais genuínas das falsas ao analisarem as microexpressões dos olhos de seus filhos. Gadea *et al.* (2015) revelaram que as mentiras expressas com expressões faciais emocionais eram mais facilmente reconhecidas pelos adultos do que as mentiras expressas com expressão neutra, face branca ou "cara de pau", ou seja, quanto menos expressiva era a criança, mais difícil era para o adulto detectar se estava ou não mentindo. Desta forma, as expressões faciais relatadas pelos familiares da nossa pesquisa (medo, insegurança/aflição, vergonha, rubor, tensão (testa e sobrancelhas), sorriso entre outros) revelaram, muito provavelmente, os sentimentos reais dos filhos ao mentirem, facilitando a detecção por parte dos genitores. Como um dos critérios de inclusão era ser leigo no assunto, os resultados obtidos eram esperados, uma vez que Arminjon *et al.* (2015) comentaram que ter dicas sobre os comportamentos esperados no ato da mentira podem interferir no processamento de sua detecção. Há controvérsias a respeito da identificação da mentira por meio de pistas corporais e faciais. Enquanto alguns autores relatam ser mais fácil identificar a mentira pela linguagem corporal comparada à facial pela facilidade de disfarçar com mais propriedade as pistas faciais que as corporais (PORTELLA, 2006), outros (HARTLEY; KARINCH, 2008) consideram que o controle da musculatura facial durante a mentira não seja mais facilmente examinado com atenção, evidenciando a necessidade de pesquisas mais aprofundadas sobre o assunto.

Partindo da premissa de que pode existir vazamento semântico durante o ato da mentira realizada por adultos (geralmente com o uso de termos mais simples; menor uso do pronome na primeira pessoa, de termos exclusivos (por exemplo: exceto, sem), de detalhes espaciais e temporais; maior uso de termos de marcadores cognitivos (como saber, pensar, lembrar) e com crianças (com uso de mais termos de marcadores cognitivos e palavras de emoções negativas, relatos mais breves, menor reprodução de diálogos e correções espontâneas, podendo utilizar com maior frequência o pronome "eu" se forem crianças mais novas que se encontrem na fase egocêntrica do desenvolvimento cognitivo), Talwar *et al.* (2018) realizaram pesquisa com díades pais-filhos com idades entre quatro e sete anos, em que houve treinamento prévio para que as crianças mentissem para um adulto estranho, de forma que pudessem avaliar as características semânticas dos participantes com maior ou menor treinamento para a mentira. Concluíram que não houve diferença estatisticamente significativa em relação ao número de palavras utilizadas; porém houve maior uso de termos cognitivos, menos correções espontâneas e a manutenção da mentira foi sustentada por crianças que tiveram maior treinamento de seus pais para mentirem, mesmo nas crianças menores.

Vrij *et al.* (2011) verificaram que, em adultos, os discursos daqueles que produzem um discurso desonesto são menos plausíveis do que os honestos e houve menos correções espontâneas. O discurso contraditório também foi citado por um dos familiares da pesquisa.

No que diz respeito ao uso de pausas longas, citada por dois genitores quando seu filho mente, Williams *et al.* (2013) constataram que ao mentir, os sujeitos da pesquisa

levaram 60 ms a mais de tempo para mentir do que para dizer a verdade, ratificando o exposto pelos genitores. Silva (2018), ao confrontar discursos verdadeiros de desonestos, também encontrou diferenças estatisticamente significantes no tempo de resposta (ao mentir um sujeito demora mais para começar a resposta), sendo esta uma variável que pode favorecer a detecção da mentira, como afirmado pelos participantes da nossa pesquisa, no entanto, em relação à duração das pausas e à velocidade da fala, não foram evidenciadas diferenças estatisticamente significantes. Quanto à presença de enunciados mais longos, Silva (2018) não encontrou diferenças neste parâmetro entre discursos verdadeiros e falsos, refutando-se a hipótese de um dos participantes (S11).

Quanto à fluência, Góis (2019) constatou que tanto ao dizer a verdade quanto ao mentir não houve diferenças estatisticamente significantes neste quesito, nem tampouco quando a quantidade de sílabas e palavras foi comparada. No entanto, o estudo foi realizado com jovens e adultos, havendo lacuna de pesquisa nesse sentido com crianças. Em nosso estudo, alguns pais revelaram alterações na fluência um total de oito participantes (36,36% do total), sendo caracterizada como: gagueira(S5), alteração na prosódia (S4, S11, S18, S21 e S22), fala mais forte(S7), pausas (S8) e fala rápido (S16).

O ato de mentir não é apenas um comportamento verbal, vocal e consciente, mas, na maioria das vezes, o corpo pode mostrar sinais que não confirmam o que está sendo dito, o que pode ser identificado por meio da observação (COSTA, 2019). Honório (2012) e DePaulo *et al.* (2003) reforçaram que há sobrecarga cognitiva ao se mentir, sendo que nessa condição há, segundo Ding *et al.* (2017), prejuízos na eficiência do funcionamento da rede cortical. Ademais, os comportamentos citados pelos familiares evidenciam o desenvolvimento da noção de mentira por parte das crianças e adolescentes participantes, sendo que quando a mentira é avaliada pelas suas consequências, como afirmado por Gomes; Chakur (2005), há o predomínio da realidade objetiva.

Como mentir causa estresse, pode haver repercussões no estado de tensão corporal e laríngeo, o que pode levar a uma voz estrangulada e *loudness* forte (PEASE; ALLAN; BARBARA, 2005). Cunha (2010) acrescentou que o *pitch* pode ser mais agudo no estresse e na mentira. No entanto, Santos *et al.* (no prelo) verificaram que os parâmetros alterados na voz ao mentir foram a tensão e o ataque vocal, rejeitando as hipóteses de Pease; Allan; Barbara (2005) e Cunha (2010). No nosso estudo a respeito das mudanças vocais 18 pais revelaram alterações sendo estas: voz fraca (S2, S20, S22), voz forte (S16), voz agitada (S2), voz fina (S3, S4, S8, S9, S10, S13, S14, S19, S20), voz trêmula (S5, S6, S7, S11, S13), voz baixa (S9, S14, S15) e voz mais aguda (S21).

Hughes; Harrinson (2017) verificaram que a voz permite que o ouvinte avalie se um sujeito está ou não trapaceando (no caso do estudo, sendo infiel ao seu cônjuge), geralmente com a utilização de um *pitch* mais grave. Desta forma, muito ainda há que se investigar em relação à voz e a mentira.

Em relação à frequência do uso da mentira, tanto os familiares dos adolescentes quanto das crianças relataram ser ocasional, ou seja, “às vezes”, sendo esta resposta representativa de toda a amostra. Para Gozna *et al.* (2001), a frequência da mentira depende das diferenças individuais – personalidade do mentiroso (pessoas extrovertidas mentem mais que as introvertidas), do receptor da mentira (a frequência de mentiras é menor se a pessoa for emocionalmente mais próxima do que aquelas contadas para um desconhecido) e da situação em que esteja ocorrendo o diálogo. A frequência esporádica da mentira relatada pelos participantes evidencia que seus filhos apresentam desenvolvimento típico e não disruptivo (MALLOY *et al.*, 2019).

Quanto aos motivos para o uso da mentira, os resultados obtidos ratificam a literatura, quando expõe que uma das razões para o uso da mentira é o medo da punição (MARTINS, 2020), sendo que o comportamento enganoso em crianças parece ser amplamente dependente da probabilidade de serem descobertos (THIJSEN *et al.*, 2017). Além disso, o desafio e a mentira podem ocorrer como formas legítimas de resistência ao controle injustificado sobre as escolhas pessoais dos filhos, principalmente com o aumento da idade, segundo Gingo (2017). Em relação à mentira pró-social (como a citada por S9), as crianças brasileiras tendem a realizá-la mais para protegerem a um amigo do que para proteger interesses coletivos ou próprios (ARRUDA; SOUZA, 2020).

A convivência dos filhos com seus familiares permite conhecer seu modo habitual de se comportar e falar, o que facilitaria a identificação de comportamentos que fogem desse padrão. Frente ao exposto, a elaboração da pergunta sobre a possibilidade dos genitores conseguirem detectar em outras crianças ou adolescentes que não seus filhos foi elaborada no intuito de verificar se tal convivência os torna hábeis na detecção da mentira e os resultados apontam para uma direção oposta. Tanto os pais de adolescentes quanto de crianças responderam que há dificuldades nessa detecção. Os resultados corroboram o afirmado por Yap *et al.* (2011) ao afirmarem que saber se o indivíduo está ou não mentindo é uma tarefa muito difícil.

Vrij; Granhag; Porter (2010) comentaram que os principais fatores que levam à falhas na detecção da mentira ocorrem quando as mentiras estão incorporadas em verdades, e também pelo fato de os detectores muitas vezes não receberem adequado *feedback* sobre seus julgamentos e, assim, não poderem aprender com seus erros.

No intuito de explorar a associação entre a capacidade autorrelatada de enganar realizada por pessoas leigas e a prevalência do uso da mentira, as características e as estratégias de engano na vida diária, Verigin *et al.* (2019) verificaram que aqueles que apresentavam maior capacidade para o engano tiveram associação positiva com: contar mais mentiras por dia, contar mentiras inconsequentes, mentir para colegas e amigos e comunicar mentiras por meio de interações face a face. Além disso, bons mentirosos autorrelatados confiam em estratégias verbais de engano e mais comumente relatam incorporar suas mentiras em informações verdadeiras, manter a declaração clara e simples e fornecer um relato plausível. Desta forma, verifica-se que o ato do mentir exige habilidades cognitivas de quem mente e que o treinamento pode dificultar sua detecção.

Segundo Piaget (1994, p.114-115), “a mentira é uma falta moral que cometemos por meio da linguagem”, sendo a tendência a mentira natural, em que a espontaneidade e a generalidade apresentam-se como parte do pensamento egocêntrico da criança. No entanto, o problema desta mentira está no encontro das atitudes egocêntricas da criança com a imposição moral do adulto. Piaget destacou ainda a dificuldade da criança até oito anos em compreender a verdadeira natureza da mentira, o que a faz ser levada, naturalmente a pensar em si antes do que nos outros, visto que a criança não percebe o real alcance do engano. Por situações de histórias inventadas para adequar-se às experiências anteriores, percebe-se que a criança considera uma mentira mais grave que a outra quando esta relaciona-se com resultado material lastimável, tendo como consequência a prevalência da intenção relacionando-a aos desajustamentos e aos roubos. Em síntese, o dever de não mentir imposto pela orientação do adulto mostra-se, por consequência, sob seu aspecto externo, sendo que a mentira significa “não estar de acordo com a verdade”, independente das intenções do indivíduo.

Para finalizar, convém ressaltar o mencionado por Rodrigues (2016), em que dificilmente haverá um padrão que indique se alguém está ou não mentindo, acrescentando que não há um sinal tido como único, mas que várias pistas e a habilidade do observador podem auxiliar nesta tarefa, parecendo-nos que os pais, pela convivência diária, têm essa habilidade, ratificando nossa hipótese inicial.

5 PERSPECTIVAS

Para ratificar se pais são hábeis ou não em identificar a mentira de seus filhos, sugere-se a aplicação de um estudo observacional, em que os filhos (crianças e adolescentes) são instruídos a seguir determinada ordem e, após algum tempo, são questionadas se cumpriram ou não a ordem (como “não abra a caixa” ou “não coma o doce”) e seus pais deverão, pela análise das respostas de seus filhos gravadas em vídeo, assinalar se seus filhos mentiram ou disseram a verdade, por exemplo.

Além disso, a presente pesquisa possibilitará a publicação de dois artigos: um contendo a revisão sistemática sobre o assunto e outro, os resultados obtidos pelas entrevistas com os familiares, a fim de determinar se reconhecem as situações em que seus filhos mentem e como o fazem.

6 CONCLUSÃO

Os familiares revelaram que a observação de mudanças comportamentais em relação ao corpo, como as mudanças nos olhos, na boca, nas expressões faciais, na cabeça, nos pés e nas mãos, revela sinais de que seus filhos estejam mentindo, sendo mais fácil detectá-la nos filhos de menor idade, com menor habilidade para essa tarefa, o que corrobora com os achados da revisão sistemática.

Conclui-se que a detecção é realizada em virtude do contato frequente dos familiares com seus filhos, permitindo que percebam que alguns comportamentos, não observados no dia-a-dia, mostrem-se visíveis na maioria das vezes em que mentem, julgando que a habilidade para a detecção da mentira em seus filhos não lhes permite a detecção em outras crianças e adolescentes.

6 REFERÊNCIAS

ABE, N. How the brain shapes deception: an integrated review of the literature. **Neuroscientist.**, Baltimore, v. 17, n. 5, p. 560-574, 2011.

ABE, N. The neurobiology of deception: evidence from neuroimaging and loss-of-function studies. **Curr. opin. neurol.**, Philadelphia, v. 22, n. 6, p. 594-600, 2009.

ABE, N.; et al. Deceiving others: distinct neural responses of the prefrontal cortex and amygdala in simple fabrication and deception with social interactions. **J. cogn. neurosci.**, Cambridge, v. 19, n. 2, p. 287-295, 2007.

ADRADOS, I. A mentira na criança. **Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 1, p. 41-47, fev. 1970. ISSN 0004-2757. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/abpa/article/view/16392>>. Acesso em: 20 jun. 2020.

ALVEZ, S.; NASCIMENTO, A.; JACOB, L.; FREITAS, T.; PINTO, F.; SOUZA, J. As várias faces da mentira: a verdade esclarecida. **rev. conexão**. Três Lagoas, Mato Grosso do Sul, 2013.

ARMINJON, M.; CHAMSEDDINE, A.; KOPTA, V.; PAUNOVIĆ, A.; MOHR, C. Are we modular lying cues detectors? The answer is “yes, sometimes”. **PloS one**, v. 10, n. 9, p. e0136418, 2015.

ARRUDA, D. A.; SOUZA, D. H. Por quem vale a pena mentir? A mentira pró-social em crianças escolares. **Paidéia**, Ribeirão Preto, v. 30, p. e3019, 2020. .

BISPO, J. A. R.; SANTOS, N. M.; SANTOS, J. M. J.; BALDRIGHI, S. E. Z. M.; CÉSAR, C. P. H. A. R. Análise dos comportamentos corporais em discursos verdadeiros e mentirosos. In: Anais...**Anais do XXV Congresso Brasileiro de Fonoaudiologia**, Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia, 12 a 15 de setembro de 2017, Salvador, Bahia.

BLANDÓN-GITLIN, I.; LÓPEZ, R. M.; MASIP, J.; FENN, E. Cognición, emoción y mentira: implicaciones para detectar el engaño. **Anuario de Psicología Jurídica**, v. 27, n. 1, p. 95-106, 2017.

BOND JR., C. F., DePAULO, B. M. Accuracy of deception judgments. **Personal. soc. psychol. rev.**, Mahwah, v. 10, p. 214–234, 2006. DOI:10.1207/s15327957pspr1003_2.

BRITO, T. D. Q. **O efeito do treino na detecção da mentira**. 51f. 2013. Dissertação [Mestrado em Ciências do Comportamento, Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

CÂMARA, R. H. Análise de conteúdo: da teoria à prática em pesquisas sociais aplicadas às organizações. **Rev. interinstitucional psicologia.**, v. 6, n. 2, p. 179-191, 2013. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/gerais/v6n2/v6n2a03.pdf>. Acesso em: 08 dez. 2017. ISSN: 1983-8220.

CHAHAL, K.; CASSIDY, T. Deception and its detection in children: a study of adult accuracy. **Psychology, Crime & Law**, v. 1, n. 3, p. 237–245, 1995.

CHAKUR, C; GOMES, L; Crianças e adolescentes falam sobre a mentira: contribuicoes para o contexto escolar. **Ciencias & cognição**, Araraquara, v.6, 2005.

COMIN, M. T. S. Problemas afetivos e de condutas em sala de aula. **Rev. educ. Ideau**, Uruguai, v. 5, n. 10, p. 04-06, 2010.

COSTA, P. E. A. **Comportamento verbal e não verbal de mentir e a detecção de mentiras**. Dissertação de Mestrado em Análise do Comportamento, Universidade Estadual de Londrina, Londrina (PR), Brasil, 125 p., 2009.

CROSSMAN, A.; LEWIS, M. Adults' ability to detect children's lying. **Behav. Sci. Law**, v. 24, p. 703- 715, 2006.

CUNHA, F. **A leitura corporal na gestão de pessoas: um estudo na corporalidade para detectar mentiras**. 2010. Monografia [Bacharel em Administração], Centro Universitario de Brasília, Brasília, 2010.

DePAULO, B. M.; LINDSAY, J. J.; MANOLE, B. E.; MUHLENBRUCK, L.; CHARLTON, K.; COOPER, H. Pistas para o engano. **Boletim psicológico**, v. 129, n. 1, p. 74, 2003.

DING, X. P.; HEYMAN, G. D.; FU, G.; ZHU, B.; LEE, K. Young children discover how to deceive in 10 days: a microgenetic study. **Developmental science**, v. 21, n. 3, p. e12566, 2018.

DING, X. P.; WU, S. J.; LIU, J.; FU, G.; LEE, K. Functional neural networks of honesty and dishonesty in children: evidence from graph theory analysis. **Scientific Reports**, v. 7, n. 1, p. 1-10, 2017.

DURAN, N. D.; DALE, R.; KELLO, C. T.; STREET, C. N. H.; RICHARDSON, D. C. Exploring the movement dynamics of deception. **Frontiers in psychology**, v. 4, p. 140, 2013.

EKMAN, P. **A linguagem das emoções**. São Paulo: Lua de Papel, 2011.

EKMAN, P.; FRIESEN, W. V. **Unmasking the face: a guide to recognizing emotions from facial clues**. Los Altos: Ishk, 2003.

EKMAN, P., & FRIESEN, W. V. **Unmasking the face: A guide to recognizing emotions from facial expressions**. Palo Alto: Consulting Psychology Press Inc. 1974.

EKMAN, P. **Telling lies: clues to deceit in the marketplace, politics, and marriage**. New York: WW Norton & Company, 2009.

EVANS, A. D.; BENDER, J.; LEE, K. Can parents detect 8-to 16-year-olds' lies? Parental biases, confidence, and accuracy. **Journal of Experimental Child Psychology**, v. 147, p. 152-158, 2016.

EVANS, A. D.; LEE, K. Promising to tell the truth makes 8- to 16-year-olds more honest. **Behavioral Sciences & the Law**, v. 28, p. 801-811, 2010.

EVANS, A. D.; XU, F.; LEE, K. When all signs point to you: lies told in the face of evidence. **Developmental Psychology**, v. 47, n. 1, p. 39-49, 2011.

GADEA, M.; ALIÑO, M.; ESPERT, R.; SALVADOR, A. Deceit and facial expression in children: the enabling role of the "poker face" child and the dependent personality of

the detector. *Frontiers in psychology*, v. 6, p. 1089, 2015. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/26284012/>. Acesso em 01 set. 2020.

GINGO, M. Children's reasoning about deception and defiance as ways of resisting parents' and teachers' directives. *Developmental psychology*, v. 53, n. 9, p. 1643, 2017. DOI: 10.1037/dev0000350. Epub2017 Maio 22.

GÓIS, M. M. **Estudo piloto da detecção da mentira pela análise da fluência: é possível?** 2019. 21f. Monografia [Bacharelado em Fonoaudiologia], Universidade Federal de Sergipe, Lagarto, 2019.

GOMES, L. R.; CHAKUR, C. R. S. L. Crianças e adolescentes falam sobre a mentira: contribuições para o contexto escolar. *Ciências & Cognição doRJ*, v. 6, p. 33-43, 2005, Araraquara, São Paulo. ISSN: 1806-5821.

GOMIDE, P. I. C. **Pais presentes, pais ausentes: regras e limites**. Petrópolis: Vozes, 2017.

GOZNA, L. F.; VRIJ, A.; BULL, R. The impact of individual differences on perceptions of lying in everyday life and in a high stake situation. *Personality and individual differences*, v. 31, n. 7, p. 1203-1216, 2001.

HARTLEY, G.; KARINCH, M. **Você para mim é um livro aberto: como ler as mensagens e emoções que as pessoas estão realmente transmitindo com sua linguagem corporal**. Rio de Janeiro: QualityMark, 2008.

HARTWIG, M.; BOND JR, C. F. Why do lie-catchers fail? A lens model meta-analysis of human lie judgments. *Psychological bulletin*, v. 137, n. 4, p. 643, 2011.

HONÓRIO, F. F. **Precisão na detecção de mentiras: investigação sobre o efeito da detecção indireta**. 2012. 61f. Dissertação [Mestrado em Ciências do Comportamento], Universidade de Brasília, Brasília, 2012.

HUGHES, S. M.; HARRISON, M. A. Your cheatin' voice will tell on you: Detection of past infidelity from voice. *Evolutionary Psychology*, v. 15, n. 2, p. 1474704917711513, 2017.

IWASAKI, M.; NOGUCHI, Y. Hiding true emotions: micro-expressions in eyes retrospectively concealed by mouth movements. *Scientific reports*, v. 6, p. 22049, 2016.

LAWSON, G.; STEDMON, A. W.; ZHANG, K.; EUBANKS, D. L.; FRUMKIN, L. A. The effects of self-awareness on body movement indicators of the intention to deceive. *Applied ergonomics*, v. 44, n. 5, p. 687-693, 2013.

LEACH, A.; TALWAR, V.; LEE, K.; BALA, N.; LINDSAY, R. "Intuitive" lie detection of children's deception by law enforcement officials and university students. *Law and Human Behavior*, v. 28, n. 6, p. 661-685, 2004.

LEE, T. M. C.; LEUNG, M. K.; LEE, T. M.; RAINE, A.; CHAN, C. C. I want to lie about not knowing you, but my precuneus refuses to cooperate. *Scientific reports*, v. 3, p. 1636, 2013.

MALLOY, L. C.; MUGNO, A. P.; WASCHBUSCH, D. A.; PELHAM JR., W. E.; TALWAR, V. Parents' attitudes about and socialization of honesty and dishonesty in typically-developing children and children with disruptive behavior disorders. **Journal of Abnormal Child Psychology**, v. 47, p. 299–312, 2019.

MARTINS, D.; CARVALHO, C. As crianças e as mentiras. In: **Actas do I Congresso Internacional em Estudos da Criança - Infâncias Possíveis, Mundos Reais**. Instituto de Estudos da Criança na Universidade do Minho, Portugal, 2008.

MARTINS, D. S. **As crianças e as mentiras**: um estudo no 2º ciclo do ensino básico. 2007. Dissertação [Mestrado em Educação], Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, Lisboa, 2007.

MARTINS, EVA DELGADO. **Por que têm os filhos de mentir?** 2020. Disponível em: <https://www.publico.pt/2020/02/09/impar/opiniaofilhos-mentir-1903142#:~:text=%C3%80s%20vezes%2C%20os%20filhos%20mentem,que%20qualquer%20coisa%20que%20digam.&text=Mentem%2C%20ou%20escolhem%20o%20sil%C3%Aancio,uma%20forma%20cr%C3%ADtica%20e%20exagerada>. Acesso em: 14 abr. 2021.

MARTINS, M. J. D.; ESTEVÃO, B. Desenvolvimento moral e conceito de mentira nas crianças. In: MONTEIRO, V.; MATA, M. L. E. N.; MARTINS, M. J. D.; MORGADO, J. A. M.; SILVA, J. M. C.; SILVA, A. C.; *et al.* (Org.). **Educar hoje**: diálogos entre psicologia, educação e currículo. Lisboa: ISPA, 2019. p. 141-156. ISBN: 978-989-8384-54-6.

MARTINS, M. O. Desenvolvimento moral e marginalização social: julgamento moral de crianças de bairros marginalizados. **Schème: Revista Eletrônica de Psicologia e Epistemologia Genéticas** Marília, SP, v. 12, n. 1, p. 205-231, jan. jul. 2020.

MANN, S.; VRIJ, A. Police officers' judgements of veracity, tenseness, cognitive load and attempted behavioural control in real-life police interviews. **Psychology, Crime & Law**, v. 12, n. 3, p. 307-319, 2006.

MARTINS, M. & CARVALHO, C. Os Jovens e a Mentira: Um estudo centrado em diferentes momentos do percurso escolar. Livro de Resumos e Actas (CD-ROM) do X Congresso Internacional Galego-Português de Psicopedagogia, Braga, 2009.

MARTINS, M.; CARVALHO, C.; Os Jovens e a Mentira: Um estudo centrado em diferentes momentos do percurso escolar. Tese de mestrado inédita. Lisboa: Universidade de Lisboa, Departamento de Educação da Faculdade de Ciências, 2009.

MATIAS, Danilo Wagner de Souza. *et al.* Mentira: aspectos sociais e neurobiológicos. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**. vol. 31, n. 3, p. 397-401, jul-set, 2015.

MONTEIRO, S.; RIBEIRO, A.; ROMÃO, A.; FERNANDES, B.; PACHECO, J.; Detecção da Mentira em Crianças. **Revista de Psicologia da Criança e do Adolescente**, Lisboa, v. 5, n. 1, p. 117-134, 2014.

PEASE, A.; PEASE, B. **Desvendando os segredos da linguagem corporal**. 1 edição. Rio de Janeiro: Sextante, 2005.

PEASE, A.; PEASE, B. **Por que os homens mentem e as mulheres choram?** Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

PEREIRA, M. E., BRASILEIRO, R., SILVA, J. F., SILVA, P. B., BRACHI, D., & ALBUQUERQUE, F. . Estereótipos, mentiras e videotape: estudos experimentais sobre a acurácia na identificação da mentira. *Psicologia em Estudo*, 11(1), 209-218, 2006.

PEREIRA, M., SOUSA, J., SILVA, P., PAZ, R., NETO, F. Investigações psicológicas no ciberespaço: crenças sobre a mentira e o mentir em brasileiros e portugueses. **Psicologia, Educação e Cultura**, v. 9, n. 1, p. 181-198, 2005.

PIAGET, J. **O juízo moral na criança**. São Paulo: Summus, 1994.

PIAGET, J.; INHELDER, B. **A psicologia da criança**. 15. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

PORTELLA, M. **Como identificar a mentira: sinais não verbais da dissimulação**. Rio de Janeiro: QualityMark, 2006.

PRADO JR, B. Não dizer a verdade equivale a mentir?. **Discurso deSP**, n. 15, p. 39-48, 1983.

QUINTA, N. C. C. **Efeitos de contingências aversivas sobre o comportamento de mentir: Sinais e detecção**. 2008. Tese de Doutorado. Dissertação (Mestrado). Universidade Católica de Goiás, 2008: 164f.

RIBEIRO, A. F. Correspondência no auto-relato da criança: aspectos de fatos e de mandos. **Revista Brasileira de Análise do Comportamento deSP**, v. 1, n. 1, p. 275-285, 2005.

RODRIGUES, H. Algumas verdades sobre a mentira. **Polêmica**, v. 16, n. 1, p. 42-62, 2016.

SANTOS, N. M.; BISPO, J. A. R.; SANTOS, M. J.; PELLICANI, A. D.; CÉSAR, C. P. H. A. R. Discursos honestos e mentirosos: há como discriminá-los pela voz? **Rev DIC.**, São Paulo, [no prelo].

SEBANZ, N.; SHIFFRAN, M. Detecting deception in a bluffing body: the role of expertise. **Psychonomic bulletin & review**, v. 16, n. 1, p. 170-175, 2009.

SILVA, R. B. **A mentira tem perna curta?** Elementos prosódico-temporais como pistas para identificação de discurso enganoso. 2018. 91f. Dissertação [Mestrado em Linguística], Universidade Federal de Alagoas, Maceió.

SILVEIRA, A. C.; CASTRO, T. G.; GOMES, W. B. Escala de autorreflexão e insight: nova medida de autoconsciência adaptada e validada para adultos brasileiros. **Psico**, v. 43, n. 2, p. 155-162, 2012.

STRÖMWALL, L. A.; GRANHAG, P. A. Detecting deceit in pairs of children. **Journal of Applied Social Psychology**, v. 37, n. 6, p. 1285-1304, 2007.

TALWAR, V.; CROSSMAN, A. From little white lies to filthy liars: the evolution of honesty and deception in young children. **Advances in Child Development and Behaviour**, v. 40, n. 140, p. 139-179, 2011.

TALWAR, V.; HUBBARD, K.; SAYKALY, C.; LEE, K.; LINDSAY, R. C. L.; BALA, N. Does parental coaching affect children's false reports? Comparing verbal markers of deception. **Behavioral sciences & the law**, v. 36, n. 1, p. 84-97, 2018.

TALWAR, V.; LAVOIER, J.; GOMEZ-GARIBELLO, C.; CROSSMAN, A. M. Influence of social factors on the relation between lie-telling and children's cognitive abilities. **Journal of experimental child psychology**, v. 159, p. 185-198, 2017.

TALWAR, V.; LEE, K. A punitive environment fosters children's dishonesty: A natural experiment. **Child Development**, v. 82, n. 6, p. 1751-1758, 2011.

TALWAR, V.; LEE, K. Social and cognitive correlates of children's lying behavior. **Child development**, v. 79, n. 4, p. 866-881, 2008.

THIJSEN, S.; WILDEBOER, A.; VAN IJZENDOORN, M. H.; MUETZEL, R. L.; LANGESLAG, S. J.; et al. The honest truth about deception: demographic, cognitive, and neural correlates of child repeated deceptive behavior. **Journal of Experimental Child Psychology**, v. 162, p. 225-241, 2017.

TIDONI, E.; BORGOMANERI, S.; DI PELLEGRINO, G.; AVENANTI, A. Action simulation plays a critical role in deceptive action recognition. **Journal of Neuroscience**, v. 33, n. 2, p. 611-623, 2013.

VENDEMIA, J.; BUZAN, R. F.; SIMON-DACK, S. L. Reaction time of motor responses in two-stimulus paradigms involving deception and congruity with varying levels of difficulty. **Behavioural Neurology**, v. 16, n. 1, p. 25-36, 2005.

VERIGIN, B. L.; MEIJER, E. H.; BOGAARD, G.; VRIJ, A. Lie prevalence, lie characteristics and strategies of self-reported good liars. **PloS one**, v. 14, n. 12, p. e0225566, 2019.

VRIJ, A.; GRANHAG, P. A.; MANN, S.; LEAL, S. Lying about flying: the first experiment to detect false intent. **Psychology, Crime & Law**, v. 17, n. 7, p. 611-620, 2011.

VRIJ, A.; GRANHAG, P. A.; PORTER, S. Pitfalls and Opportunities in Nonverbal and Verbal Lie Detection. **Psychological Science in the Public Interest**, v. 11, n. 3, p. 89-121, 2010.

VRIJ, A. The psychology of deception. In: **International encyclopedia of social and behavioral sciences**. Pergamon, 2001. p. 3278-3281.

VRIJ, A.; AKEHURST, L.; SOUKARA, S.; BULL, R. Detecting deceit via analyses of verbal and nonverbal behavior in children and adults. **Human communication research**, v. 30, n. 1, p. 8-41, 2004.

VRIJ, A.; GRANHAG, P. A.; MANN, S.; LEAL, S. Lying about flying: the first experiment to detect false intent. **Psychology, Crime & Law**, v. 17, n. 7, p. 611-620, 2011.

WALLE, E. A.; CAMPOS, J. J. The development of infant detection of inauthentic emotion. **Emotion**, v. 14, n. 3, p. 488-503, 2014.

WILLIAMS, E. J.; BOTT, L. A.; PATRICK, J.; LEWIS, M. B. Telling lies: the irrepressible truth?. **PLoS One**, v. 8, n. 4, p. e60713, 2013.

YAP, M.H.; RAJOUR, B.; ZUIGGELAAR, R. Visual cues of facial behaviour in deception detection. Computer Applications and industrial Electronics (ICCAIE), **IEEE international Conference**, 2011. p. 294-299.

8 OUTRAS ATIVIDADES

3.7 Outros

Foi providenciado um material informativo escrito com subsídio teórico de Comin (2010) e Gomide (2017), disponibilizado no Apêndice 4 e um vídeo sobre sobre “Como os familiares podem lidar com a mentira de seus filhos”, que foi elaborado por meio do software *Zoom* (Figura 1), enviando-se o link aos participantes (<https://youtu.be/uRNkCqYtmLY>), sendo disponibilizado e-mail para retirada de dúvidas.

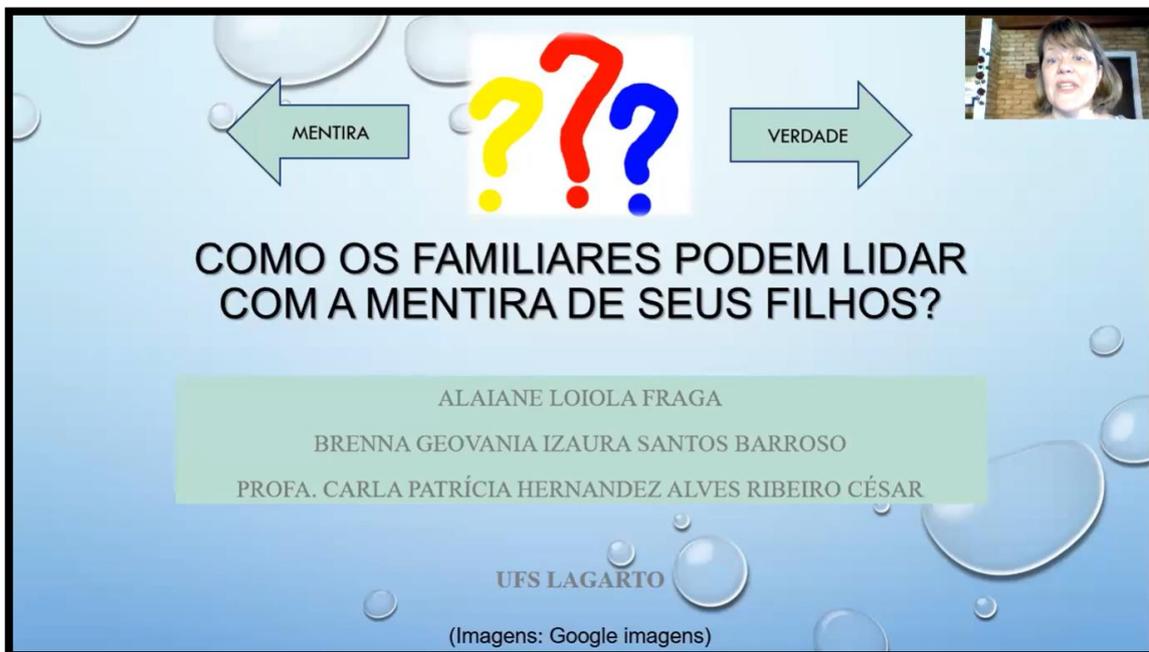


Figura 1. Imagem do vídeo disponibilizado aos participantes sobre o assunto.

ANEXOS E APÊNDICES

Anexo 1

UFS - UNIVERSIDADE
FEDERAL DE SERGIPE



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: ANÁLISE DAS TÉCNICAS UTILIZADAS POR DIFERENTES PROFISSIONAIS E LEIGOS PARA A DETECÇÃO DA MENTIRA

Pesquisador: Carla Patrícia Hernandez Alves Ribeiro César

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 81343717.5.0000.5548

Instituição Proponente: FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 2.537.923

Apresentação do Projeto:

Hipotetiza-se que os profissionais capacitados para a detecção da mentira descrevam o padrão da mentira de acordo com os critérios científicos e que os leigos, pelo senso comum.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Descrever as técnicas utilizadas por profissionais e leigos na detecção da mentira.

Objetivo Secundário:

- Comparar as técnicas utilizadas por profissionais e leigos na detecção da mentira.- Comparar se as variáveis: idade, gênero, grau de instrução e capacitação influenciam na detecção da mentira - Descrever os motivos que impulsionam uma pessoa a mentir.- Comparar se os motivos para a mentira se diferenciam pelas variáveis: idade, gênero e grau de instrução.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Os participantes incorrerão em riscos mínimos ao participarem da proposta de pesquisa, pois podem se sentir constrangidos ao informar porque mentem em algumas situações, já que este é um dos temas do estudo.

Para minimizar tal sensação, será explicado que a pesquisa é composta por seis subprojetos e com diferentes profissionais e leigos nos assuntos, sendo analisada esta questão apenas de forma agrupada, já que o número de sujeitos será restrito por área profissional.

Endereço: Rua Cláudio Batista s/nº

Bairro: Sanatório

CEP: 49.060-110

UF: SE

Município: ARACAJU

Telefone: (79)3194-7208

E-mail: cephu@ufs.br

Continuação do Parecer: 2.537.923

O benefício será a autorreflexão ou autoconsciência sobre o assunto, tanto no que concerne aos motivos que levam o próprio sujeito a mentir quanto na forma que detecta a mentira. A autoconsciência, segundo a literatura, é uma atividade humana de monitorar seus próprios pensamentos, motivações e sentimentos em relação a questões intelectuais e emocionais, nos aspectos públicos e privados da vida.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Pesquisa observacional, transversal, exploratória e qualitativa, utilizando-se a análise de conteúdo como técnica para a análise dos dados obtidos. Serão realizadas entrevistas orais, que serão gravadas e aplicadas individualmente e posteriormente, os dados serão transcritos e interpretados qualitativamente. A amostra será constituída por conveniência, por adultos profissionais que se atribua capacitação na detecção da mentira (como delegados de polícia, juizes e psicólogos organizacionais e do trabalho) e leigos no assunto (professores e familiares). Os participantes que aceitarem a proposta assinarão termo de consentimento e serão excluídos os profissionais com menos de cinco anos de experiência na área e, quanto aos familiares, aqueles que não convivam com seus filhos. Análise dos dados: análise qualitativa dos dados.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Adequados.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Não se aplica.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1051396.pdf	01/03/2018 14:00:24		Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	autorizacao_pesquisa_delegacia_mentira.pdf	01/03/2018 13:59:53	Carla Patrícia Hernandez Alves Ribeiro César	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	2_TCLE.pdf	01/03/2018 13:58:28	Carla Patrícia Hernandez Alves Ribeiro César	Aceito
Projeto Detalhado	Projeto_revisado.doc	01/03/2018	Carla Patrícia	Aceito

Endereço: Rua Cláudio Batista s/nº

Bairro: Sanatório

CEP: 49.060-110

UF: SE

Município: ARACAJU

Telefone: (79)3194-7208

E-mail: cephu@uts.br

UFS - UNIVERSIDADE
FEDERAL DE SERGIPE



Continuação do Parecer: 2.537.923

/ Brochura Investigador	Projeto revisado.doc	13:58:11	Hernandez Alves Ribeiro César	Aceito
Folha de Rosto	folhaDeRostoAssinada.pdf	17/12/2017 10:03:18	Carla Patrícia Hernandez Alves Ribeiro César	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

ARACAJU, 12 de Março de 2018

Assinado por:
Anita Herminia Oliveira Souza
(Coordenador)

Endereço: Rua Cláudio Batista s/nº

Bairro: Sanatório

CEP: 49.060-110

UF: SE

Município: ARACAJU

Telefone: (79)3194-7208

E-mail: cephu@ufs.br

Apêndice 1 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Caro(a) Senhor(a),

Eu, Carla Patrícia Hernandez Alves Ribeiro César, fonoaudióloga, portadora do CPF 091.459.938-07, RG 14.011.221-2 (SSP/SP), estando estabelecida na Rua João Carvalho Aragão, 855, casa 05, Bairro Atalaia, Aracaju, Sergipe, CEP 49037-620, desenvolverei pesquisa exploratória cujo título é “Análise das técnicas utilizadas por diferentes profissionais e leigos para a detecção da mentira”. O objetivo deste estudo é descrever as técnicas utilizadas por profissionais e leigos na detecção da mentira e conhecer os motivos que impulsionam as pessoas a mentirem. Justifica-se este estudo em virtude da escassez de literatura na área.

Assim, gostaríamos de convidá-lo(a) a colaborar de forma voluntária com esta pesquisa. Para este fim, caso concorde em participar do estudo, você participará de uma atividade de gravação em que faremos algumas perguntas simples sobre as técnicas que você utiliza para detectar a mentira e os motivos que o levam a mentir. A duração da entrevista será de, no máximo, 50 minutos.

Antes de concordar em participar desta pesquisa e responder ao questionário sobre a mentira, é muito importante que você compreenda as informações e instruções contidas neste documento, ressaltando-se que antes que decida participar, a pesquisadora se compromete em responder a todas as suas dúvidas.

Esta pesquisa trará maior conhecimento sobre o tema selecionado, sem benefício direto para o Sr(a), a não ser a autorreflexão sobre o assunto. Devido ao tema da pesquisa, o(a) senhor(a) pode se sentir constrangido ao ser solicitado que responda as razões que levam uma pessoa a mentir [incluindo o senhor(a)]. Porém, o senhor(a) não será identificado(a) e a gravação realizada será transcrita e submetida ao senhor(a) para análise e aprovação da versão final da entrevista. Além disso, não existe outra forma de obter dados com relação ao procedimento em questão que possa ser mais vantajoso do que o usado nesta pesquisa e, desta forma, sua participação é fundamental.

Também é garantida a liberdade da retirada de seu consentimento a qualquer momento e o(a) senhor(a) pode deixar de participar do estudo, sem qualquer prejuízo ou penalidade.

Informo que o Sr(a) tem a garantia de acesso, em qualquer etapa do estudo, sobre qualquer esclarecimento de eventuais dúvidas. Se tiver alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa, entre em contato com a pesquisadora responsável, fone: (11) 98175-2293 (operadora TIM) ou (79) 3028-1529, e-mail: carlacesar@globocom.com e comunique-se com Carla César.

Garanto que as informações obtidas serão analisadas em conjunto com o de outros participantes, não sendo divulgada a sua identificação nem o local de trabalho, mesmo quando os resultados desta pesquisa forem divulgados em qualquer forma (artigo e evento científico).

O(a) Sr(a) tem o direito de ser mantido atualizado sobre os resultados parciais da pesquisa e, caso seja solicitado, darei todas as informações que o senhor(a) quiser saber.

Não existirão despesas, compensações pessoais nem financeiras para nenhum participante em qualquer fase do estudo. Se existir qualquer despesa adicional, será absorvida pelo orçamento da pesquisa. É garantida indenização em casos de danos, comprovadamente, decorrentes da sua participação na pesquisa, por meio de decisão judicial ou extrajudicial. Não há qualquer valor econômico, a receber ou a pagar, pela sua participação. No entanto, caso haja qualquer despesa decorrente da sua participação na pesquisa, haverá ressarcimento da alimentação, uma vez que a

Rubrica do pesquisador: _____ Rubrica do participante: _____

entrevista será realizada durante sua rotina de trabalho e em dia e horário previamente agendados entre a pesquisadora e o(a) senhor(a).

Em caso de dúvida quanto à condução ética do estudo, entre em contato com o Comitê de Ética em Seres Humanos da Universidade Federal de Sergipe, situado na Rua Riachuelo, 609, São José, Aracaju, Sergipe, CEP 49015-160, no prédio da Reitoria.

Os telefones para contato são (79) 3194-6511 ou (79) 3194-7010 e o e-mail copesusfs@gmail.com. O Comitê de Ética é a instância que tem por objetivo defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e contribuir para o desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos.

Abaixo está o consentimento livre e esclarecido para ser assinado, caso não tenha ficado qualquer dúvida.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Ciência e de acordo do(a) participante

Acredito ter sido suficientemente informado a respeito das informações que li ou que foram lidas para mim, descrevendo o estudo sobre a “Análise das técnicas utilizadas por diferentes profissionais e leigos para a detecção da mentira”.

Eu tirei todas as minhas dúvidas sobre o estudo e minha forma de participação com a pesquisadora responsável pela pesquisa.

Ficaram claros para mim quais são os propósitos do estudo, os procedimentos a serem realizados, as garantias de confidencialidade e os esclarecimentos permanentes.

Ficou claro também que minha participação é isenta de despesas, que tenho garantia do acesso aos resultados e de esclarecer minhas dúvidas em qualquer tempo. Concordo voluntariamente em participar deste estudo sabendo que poderei retirar o meu consentimento a qualquer momento, antes ou durante o mesmo, sem penalidade, prejuízo ou perda de qualquer benefício que eu possa ter adquirido anteriormente ao estudo.

Data _____/_____/_____

Nome do(a) Entrevistado(a): _____

Assinatura do(a) Entrevistado(a): _____

Nº do Documento de Identificação do(a) Entrevistado(a): _____

Ciência e de acordo do pesquisador responsável

Asseguro ter cumprido as exigências da Resolução Nº 466/2012 CNS/MS e complementares na elaboração do protocolo e na obtenção deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Asseguro, também, ter explicado e fornecido uma cópia deste documento ao participante. Informo que o estudo foi aprovado pelo CEP perante o qual o projeto foi apresentado. Comprometo-me a utilizar o material e os dados obtidos nesta pesquisa exclusivamente para as finalidades previstas neste documento ou conforme o consentimento dado pelo participante.

Declaro que assinei duas vias deste termo, ficando com uma via em meu poder.

Pesquisadora responsável pelo projeto: Carla Patrícia Hernandez Alves Ribeiro César

Assinatura da pesquisadora: _____ (2 vias)

Rubrica do pesquisador: _____ Rubrica do participante: _____

Apêndice 2

Quadro 1. Resultados obtidos na revisão sistemática.

Autor (ano), Cidade/País	CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA (quantidade, sexo e idade)	MÉTODO	PRINCIPAIS RESULTADOS	CONCLUSÃO DO ESTUDO
Chahal; Cassidy (1995), Northampton, Reino Unido.	<p>Grupo Experimental: País: NÃO DEIXA CLARO NO ARTIGO “ESTÁ DENTRO DOS ASSISTENTES SOCIAIS E PROFESSORES”</p> <p>Grupo de Comparação (não pais): N=60 indivíduos distribuídos em 3 subgrupos de 20 cada (A=assistentes sociais, B=professores e C=alunos). Idade: Crianças com 8 anos de idade Sexo: Feminino 58 participantes e Masculino 2 participantes.</p>	<p>4 crianças distribuídas meio a meio entre os sexos, assistiram individualmente a um clipe na televisão de uma visita ao museu. Cada criança foi então entrevistada sobre o que tinha visto pelo experimentador e a entrevista foi gravada em duas câmeras. 2 foram instruídas a dizer o que viu e 2 a convencer que realmente estiveram no museu. Uma câmera focava o rosto da criança, enquanto a outra era uma à distância que mostrava a criança da cintura para cima, a fim de permitir a avaliação dos aspectos não-verbais, como a postura corporal e os movimentos. Os 3 subgrupos assistiram aos vídeos da seguinte forma:</p> <p>- Metade dos participantes dos grupos assistiu ao vídeo das crianças com enquadramento do rosto; - A outra metade assistiu os vídeos com gravação a distância;</p> <p>De forma individual os vídeos foram assistidos de forma randomizada. Em seguida, os participantes preencheram um questionário a fim de que respondessem se as crianças estavam mentindo ou dizendo a verdade.</p>	<p>Não houve diferença de resultados entre os subgrupos. O discriminador mais claro entre a classificação correta e incorreta das crianças foi a experiência dos profissionais que já eram pais, com os pais claramente se saindo significativamente melhor do que os não-pais. O que sugere que a experiência de ser pai pode ter auxiliado em melhor detectar a mentira.</p>	<p>A experiência de ser pai foi uma variável importante para distinguir entre as crianças que estavam ou não mentindo.</p>

<p>Evans; Bender; Lee, (2016), Ontario, Canadá.</p>	<p>Grupo Experimental: Pais: 72 (41,29 anos \pm 6,18), 80% mulheres. Filhos: entre 8 e 16 anos.</p> <p>Grupo de Comparação (não pais): Alunos de graduação: 79 (19,97 anos \pm 3,05), 81% mulheres.</p>	<p>Os participantes viram vídeos de crianças de 8 a 16 anos dizendo a verdade ou uma mentira sobre terem espiado as respostas de um teste e foram solicitados a avaliar a veracidade da afirmação, além de informarem sua confiança no julgamento efetivado.</p>	<p>Todos os grupos tiveram um desempenho ao acaso na precisão de seus julgamentos de veracidade. O grupo dos pais manteve um viés de verdade muito mais forte do que o grupo de comparação.</p>	<p>Em geral, os adultos são fracos na detecção de declarações enganosas de crianças de 8 a 16 anos. Em particular, os adultos têm um viés de confiar no outro, ou seja, de acreditarem que o discurso seja verdadeiro, dificultando sua capacidade em detectar com precisão declarações falsas. Essa tendência à verdade parece ser particularmente forte para os pais, especialmente quando os pais estão julgando a veracidade das declarações feitas por seus próprios filhos.</p>
---	--	--	---	---

Apêndice 3

EBMO - Submissão de trabalhos



Prezado(a) Sr(a) **BRENNA GEOVANIA IZAURA SANTOS BARROSO,**

O trabalho **COMO OS PAIS IDENTIFICAM A MENTIRA DE SEUS FILHOS?** foi submetido com sucesso para apresentação como **Trabalhos não concorrentes a prêmio** na área **Motricidade Orofacial**.

Os trabalhos submetidos estão disponíveis para consulta na sua área de congressista em <https://ebmo.zlugg.com.br/login> e serão encaminhados para avaliação.

Ficou com alguma dúvida? Entre em contato: hiltonfono@hotmail.com ou whats (19) 98830-0759

Atenciosamente,
Secretaria Executiva - EBMO
Abramo



PALESTRANTES PROGRAMAÇÃO SUBMISSÃO DE TRABALHOS LOGIN



Resumo enviado com sucesso

Submissão de Resumo

O resumo **Saúde Coletiva/Fonoaudiologia Geral; Graduação; COMO OS PAIS IDENTIFICAM A MENTIRA DE SEUS FILHOS?** foi submetido com sucesso.

Em breve traremos mais informações.

Fique Atento ao seu email e às nossas redes sociais.

Apêndice 4

Carta de Agradecimento

Prezado (a),

Esta carta é para registrar nosso agradecimento por sua contribuição em nossa pesquisa. Sem sua participação não teríamos o conhecimento que hoje temos.

A respeito do uso da mentira, como já dito antes, “as crianças e os adolescentes mentem para livrarem-se das consequências indesejadas de seus atos e os adolescentes podem fazer uso da mentira para evitar magoar as pessoas”. Aliás, todos já mentimos, por menor que tenha sido esse ato.

Ao se tratar de mentiras por parte de crianças e adolescentes, enfatizamos a importância do cuidado com a “repressão” e o “castigo” no intuito de corrigir seus filhos. Sugerimos que haja diálogo sempre que perceberem que isto esteja ocorrendo, sendo que este deve ser realizado de modo democrático e que os “acordos” assumidos a partir do que foi discutido possa ser cumprido tanto por parte dos pais quanto dos filhos. Vale lembrar que os castigos não podem ser a longo prazo, mas sim em seguida do ato.

Crie regras que possam ser cumpridas, independentemente da idade do seu filho. Ao assumir compromissos, cumpra-os, uma vez que as crianças geralmente imitam os seus pais, assim, não adianta dizer que não pode fazer algo quando você mesmo o faz. Além disso, quando uma regra é estabelecida e cumprida, elogie o seu filho – isso é muito importante para a sua autoestima e para que seu filho perceba que você tem atenção ao que ele faz e aos seus esforços.

A família é a base para o desenvolvimento humano do indivíduo e, como diz Augusto Cury (2014),

(...) Com palavras inteligentes, os pais transformam cada momento num espetáculo solene. Com um amor maduro, os pais transformam cada minuto numa eternidade. Usando, portanto, suas palavras, seu amor, os pais podem mudar o mundo quando mudam o mundo de seus filhos.

Atenciosamente, as pesquisadoras.